

# JAXY E JAXY JATERÊ: O PONTO DE VISTA GUARANI E DE OUTROS POVOS AMERÍNDIOS SOBRE A ORIGEM DA LUA, AS CONSTELAÇÕES E O SACI-PERERÊ<sup>1</sup> (PRIMEIRA PARTE)

ROGÉRIO REUS GONÇALVES DA ROSA<sup>2</sup>

UFPEL, BRASIL

<https://orcid.org/0000-0002-5116-5150>

---

**RESUMO:** *O Saci-Pererê é um personagem admirável. A contribuição ameríndia à vida desse ser – nomeado também de Jaxy Jaterê, Mati-taperê, Xaxim-Tarerê, Yasy-yaterê, Kambá'i, Saci-ave, Matinta-Perera, etc. – é paradigmática. Este estudo enfatiza textos sobre o Saci publicados nas áreas de mitologia, etnologia ameríndia e astronomia cultural, baseados na oralidade e na escrita de interlocutores afro-americanos e ameríndios (Tupiniquim, Tupinambá, Kayowa, Taurepang, Surui-Paiter, em especial, Mbyá e Chiripa). O artigo tem duas partes. Na primeira, que você lerá nesta publicação, o objetivo é apresentar, a partir do Saci negrinho e do Saci índio, os diversos Saci ligados à tradição cultural na América do Sul. O passo seguinte é demonstrar a relevância da mitologia como ferramenta teórica e metodológica para analisar e traduzir tais personagens, além de apresentar dados etnológicos sobre os Guarani. No tópico seguinte, a intenção é focar certas conexões entre a mitologia e a astronomia cultural para investigar as relações do Saci com a origem da lua e com as constelações tupi-guarani e ocidentais. Na segunda parte do artigo, que será publicado no próximo volume da Revista Espaço Ameríndio, os objetivos serão: destacar a relevância do Saci e outros personagens pernetas que estão presentes em inúmeros mitos, além de analisar os motivos para que o Saci e outros seres semelhantes sejam narrados com uma de suas pernas cortadas. Finalmente, considerando os modos de pensamento dos Mbyá-Chiripa em relação à categoria já (dono), demonstrar as relações de poder entre as divindades Ñanderú, Tupã kuéry, Karáí, Kuaray, Jaxy, Curupira e Saci com as plantas, os animais e os humanos. Por último, mas não menos importante, apresentar algumas conexões do Saci com a categoria afroindígena.*

**PALAVRAS-CHAVE:** Jaxy Jaterê, Saci, Mbyá-Chiripa, Mitologia, Constelação.

---

<sup>1</sup> O presente texto é resultado de idéias trabalhadas na disciplina Mitologia e Ritual e nas atividades do Núcleo de Etnologia Ameríndia (NETA). Parte dos dados foi apresentado na palestra *Mitologia, Xamanismo e Escola Kaingang* (<https://www.youtube.com/watch?v=Pq7-Hj2vcGY&t=6s>), atividade organizada pelo Núcleo de Antropologia das Sociedades Indígenas e Tradicionais (NIT/UFRGS), em agosto de 2016. A primeira versão escrita foi exposta durante o GT *Mitologia, Diversidade Religiosa e Produção Etnográfica Entre Os Autóctones na América e Outras Partes do Mundo*, coordenado pelo antropólogo Robert R. Crépeau e por mim, durante a *XII Reunión de Antropología del Mercosur – RAM*, realizada em *Posadas, Misiones*, em dezembro de 2017. Agradecimento especial aos/às discentes do Bacharelado em Antropologia pela valorização dos saberes relacionados à mitologia, à Janie Cristine do Amaral Gonçalves pelo incentivo e pela sensível escrita do *Abstract*, a Pedro Castilhos da Rosa referente ao belo tratamento das imagens, a Sergio Baptista da Silva e Pablo Quintero pela parceria do NIT e da Revista Espaço Ameríndio, no mesmo sentido, à Lori Altmann, a Martín César Tempass, à Rojane Brum Nunes e a Robert R. Crépeau pelas justas e valiosas contribuições teóricas trazidas ao texto. Esse artigo é parte do projeto *Etnologia Ameríndia e Mitologia: O ponto de vista autóctone sobre xamanismo, espiritualidade, epistemologia ameríndias, relações interétnicas, recuperação de saberes e políticas públicas na América do Sul* (Código 4351 – PRPPG/UFPEL).

<sup>2</sup> Professor do Bacharelado em Antropologia e do Programa de Pós-Graduação em Antropologia (PPGAnt), além de pesquisador do NETA da Universidade Federal de Pelotas. Email: [roggerriorosa@gmail.com](mailto:roggerriorosa@gmail.com)

**ABSTRACT:** *Saci-Pererê is such an incredible character. The South American indigenous people's (Ameríndio/a) contribution to the social construction of this being – Jaxy Jaterê, Matitaperê, Xaxim-Tarerê, Yasy-yaterê, Kambá'i, Saci-ave, Matinta-Perera, amongst other names, is paradigmatic. This study focuses on texts about Saci which have been published in mythology, South American indigenous ethnology and cultural astronomy, all texts based on Afro-Americans and South American indigenous peoples' oral and written narratives (Tupiniquim, Tupinambá, Kayowa, Taurepang, Surui-Paiter, and particularly, Mbyá e Chiripa). This article has two parts. In the first one, which you read in this publication, my aim is to analyse the black Saci and the indigenous Saci to introduce the different types of Saci that live in South American cultural tradition. My next aims are to demonstrate the relevance of mythology as a theoretical and methodological tool to analyze and translate these characters, and to analyze ethnological data about the Guarani. In the next section, my aim is to focus on a few connections between mythology and cultural astronomy, to investigate possible links between Saci in relation to the moon origin, and Tupi-guarani and western constellations. In the second part of the article, which will be published in the next volume of Revista Espaço Ameríndio, the aims will be: to focus on the relevance of Saci and other legless characters which are present in several myths, and to analyze reasons for having Saci and other similar beings' portrayed with one of their legs cut in these narratives. Finally, considering Mbyá-Chiripa's ways of thinking regarding the category já (owner), my aim will be to show the power relations involving the divine entities of Ñanderú, Tupãkuéry, Karáí, Kuaray, Jaxy, Curupira and Saci in relation to plants, animals and humans. Last but not least, some connections between Saci and the afro-indigenous category will be presented.*

**KEYWORDS:** *Jaxy Jaterê, Saci, Mbyá-Chiripa, Mythology, Constellation.*

---

## Prólogo

Quem um dia não ouviu falar do Saci-Pererê ou sentiu um arrepio na espinha devido à sua proximidade após um estridente assobio? O Saci é um personagem amado e respeitado por infinitas pessoas. As suas atitudes na floresta, no campo, na aldeia, em casa e na cidade são narradas em livros, jornais, peças de teatro, músicas, danças, histórias em quadrinhos, pinturas, grafismos, *internet* e serviços de *streaming*.

Trata-se de um ser que transcende às fronteiras nacionais. No Uruguai, Argentina e Paraguai, o Saci-Pererê é *Iaci-íaterê* ou *Yasy-yateré*. Na província de *Misiones*, Argentina, o *Yasy-yateré* é um personagem anão, cor vermelha, que manipula um bastão de ouro ou uma varinha encantada. No Paraguai, há o Saci-ave *Tapera naevia* e o ave Peixe-frito-verdadeiro (*Dromococcyx phasianellus*), conhecido também como o Saci-da-mata ou o Saci-faisão. No Chile, entre os Araucanos, aparece o *Ketronamun*, um duende e pernetta de aparência similar ao Saci. No centro do Peru, entre os Inca e os mineiros de Julcani, vive o *Muqui*<sup>3</sup>. Trata-se de um menino de dez anos, que habita o mundo subterrâneo, veste-se como um mineiro, porém com roupas ornamentadas em ouro, o seu corpo possui grande genitália, dois chifres na cabeça e olhos em tons vermelhos vibrantes. No México, o deus *Tezcatlipoca* dos povos originários se caracteriza pela ausência de um pé, sendo que do toco da perna ele arremessa chamas de fumo, correntes de fogo e água (CASCUDO, 2002, p. 123, 129, 132-3; CONTRERAS, 2007, p. 191-3; LEHMANN-NITSCHKE, 1924, p. 105).

A Europa está também repleta de seres com atributos físicos e morais relacionados ao Saci de nomes *Cambions*, *Elfos*, *Empusas*, *Farfadets*, *Góles*, *Gobelins*, *Kreudes*, *Koboldes*, *Lamias*, *Larvas*, *Lemures*, *Brocolacos*, *Lutins*, *Vauverts*, *Willis*, *Courils*, *Pulpicans*, *Troll*, entre outros. Em Portugal, encontra-se o *négrillon*, ele usa touca vermelha, faz caretas e pilhérias às crianças; há também o Molequinho de Bota Vermelha, sendo muito irrequieto e malicioso; e, o Fradinho da Mão Furada, que possui uma carapuça de cor vermelha forte (escarlate), sendo que à noite ele entra pela fechadura da porta e sobe nas pessoas dormindo, produzindo pesadelos às mesmas (CASCUDO, 2002, p. 131, 132, 134, 135). Por sua vez, tratando-se dessa criatura na África, no tópico *O Saci-Pererê Afroindígena*, segunda parte do artigo, serão apresentados outros nomes e qualidades.

No Brasil, de início, o Saci está associado a um menino, corpo negro, uma perninha, gorro, roupas vermelhas e cachimbo na boca. A impressão inicial da matriz afro-americana é notória. É importante dizer que além da floresta, do mundo subterrâneo das minas de ouro, dos quartos e das residências, diversos povos ameríndios reparam sua presença no céu. Então, partindo da clássica imagem do Saci de gorro vermelho e pernetta, serão destacados outros nomes e outras fisicalidades

---

<sup>3</sup> Esse personagem foi apresentado a mim pelos discentes Bruno Pinho Chaves e Carine Medeiros Correia, durante o trabalho final da disciplina Mitologia e Ritual (Semestre 2019-2).

que permeiam esse personagem pelo mundo afro-americano e, sobretudo, ameríndio.

Este estudo enfatiza textos sobre o Saci publicados nas áreas da mitologia, etnologia ameríndia e astronomia cultural, baseados na oralidade e na escrita de interlocutores afro-americanos e ameríndios (Tupiniquim, Tupinambá, Kayowa, Taurepang, Surui-Paiter, em especial, Mbyá e Chiripa<sup>4</sup>). O artigo tem duas partes. Na primeira, que você lerá nesta publicação, a partir do Saci negrinho e do Saci índio, o objetivo é apresentar os diversos Saci ligados à tradição cultural na América do Sul. O passo seguinte é demonstrar a relevância da mitologia como ferramenta teórica e metodológica para analisar e traduzir tais personagens, além de apresentar dados etnológicos sobre os Guarani. No tópico seguinte, a intenção é focar certas conexões entre mitologia e astronomia cultural<sup>5</sup> para investigar as relações do Saci com a origem da lua e com as constelações tupi-guarani e ocidentais. Na segunda parte do artigo, que será publicado no próximo volume da Revista Espaço Ameríndio, os objetivos serão: destacar a relevância do Saci e outros personagens pernetas que estão presentes em inúmeros mitos, além de analisar as razões para que o Saci e outros seres semelhantes sejam narrados com uma de suas pernas cortadas. Finalmente, considerando os modos de pensamento dos Mbyá-Chiripa em relação à categoria *já* (dono), mostrar as relações de poder entre as divindades *Ñanderú*, *Tupã kuéry*, *Karái*, *Kuaray*, *Jaxy*, Curupira e Saci com as plantas, os animais e as pessoas. Por último, mas não menos importante, apresentar algumas conexões do Saci com a categoria afroindígena.

Com relação ao método usado no texto, faço breves comentários. Em grande medida, a presente versão foi produzida entre os anos 2020 e 2021, no decorrer da pandemia do Covid-19 e dos impedimentos de contato social por ela implicados. *Jaxy Jaterê* e Saci me oportunizaram a devida saúde mental para enfrentar esse período tão conturbado vivido no Brasil, marcado pelo negacionismo, milhares de mortes e *fake news*. Preciso informar que a maior parte dos dados é originária de textos de colegas e amigos/as acadêmicos e indígenas. A partir dos mesmos, busquei manter as grafias originais das escritas guarani. Há também muitas citações, algumas extensas, isso me despertou sentimentos de alegria e inquietação. Alegria, porque os mitos relacionados aos Saci são

<sup>4</sup> Segundo Martín César Tempass (comunicação pessoal), Mbyá e Chiripa vivem juntos em muitas aldeias, partilhando divindades, redes de parentesco e, por conseguinte, narrativas mitológicas. Considerando a *tênue* diferença entre tais coletivos, o presente artigo os assumirá em tese como culturalmente indistintos.

<sup>5</sup> Há um instigante debate entre os especialistas da Astronomia Física sobre as categorias “astronomia”, “arqueoastronomia”, “etnoastronomia” e “astronomia cultural”. Sem a intenção de reduzir essa discussão, cito as duas últimas. A etnoastronomia “investiga o conhecimento astronômico de grupos étnicos ou culturais contemporâneos que, em geral, não utilizam a astronomia ocidental (oficial), sendo esse o caso dos povos indígenas que habitam o Brasil. Ela requer a colaboração de especialistas de diversas áreas, como Astronomia, Antropologia, Biologia e História” (AFONSO, 2010, p. 65). Por sua vez, a astronomia cultural, que vem substituindo a etnoastronomia, se atém aos “sistemas de observação celeste dos povos antigos, ou dos povos indígenas atuais, nos quais explicitamente encontram-se integrados aspectos ecológicos, meteorológicos, cosmológicos e astronômicos” (LIMA et al, 2014, p. 90). Nesse artigo, eu trabalharei com a concepção de astronomia cultural. Sobre essas ideias, veja: AFONSO, 2006; AFONSO, 2013; AFONSO; NADAL, 2014; KOCH-GRÜNBERG, 1953; LIMA; MOREIRA, 2005; LIMA; FIGUEIRÔA, 2010; FAULHABER; BORGES, 2016; MOREIRA; MOREIRA, 2015; CARDOSO; HÓ, 2007.

um primor. Inquietação, devido à necessidade de resumir as narrativas para o devido encaixe às teorias. O Saci simplesmente não para de revelar surpresas e novas conexões. A partir disso, o número de páginas se avolumou considerando os padrões habituais e o artigo teve que ser dividido em duas partes. Ao fim, essa tensão serenou em mim na medida em que as vozes afro-americanas e ameríndias presentes de forma implícita ou explícita no material pesquisado foram tomando conta do texto.<sup>6</sup> Como será possível reparar, é fantástico incluir o Saci em nossas vidas, mas como muitos escritores já fizeram isso antes, por diversas vezes me indaguei: “*como escrever um texto com o rigor acadêmico necessário sobre um personagem tão serelepe?*”. Enfim, tendo como aliados as vozes dos interlocutores e a minha ligação umbilical com a mitologia e a etnologia ameríndia, terminei esse artigo com o sentimento de um profundo encanto pela grandeza e pela visão de mundo desse personagem tão importante à compreensão, à valorização e ao reconhecimento do modo de vida dos povos ameríndios, em especial, dos Guarani.

## O Saci Negrinho e O Saci Índio

Entre os dias 24 e 28 de março de 2014 aconteceu o Curso Básico de Formação em Política Nacional de Gestão Territorial e Ambiental de Terras Indígenas – PNGATI/Bioma Mata Atlântica Sul/Sudeste<sup>7</sup>, no Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade do Ministério do Meio Ambiente. Na condição de instrutor, eu participei da Roda de Conversa sobre o Mundo Kaingang, atividade essa ligada ao Módulo II: Cultura e Meio Ambiente.

No desenrolar do evento, eu escutei de alguns participantes que um motorista da AcadeBio/ICM Bio, narrava eventos “*estranhos*”. Sem pestanejar, decidi conversar com Rui Sérgio Ferreira na primeira oportunidade. Assim que eu embarquei no ônibus, acomodei-me em pé ao seu lado. Barulho do motor do veículo, Rui dirigindo, eu a escutá-lo e sem acreditar em suas aventuras com um ilustre personagem. Antes de desembarcar, solicitei uma entrevista gravada. Pedido aceito, mas cuja execução aconteceu somente nos meus últimos minutos na Floresta Nacional de Ipanema, em Iperó, São Paulo.

- Autor: *Me conta a tua história com o Saci-Pererê?*
- Rui: *Sim, eu tinha por volta de nove anos na época, eu era uma criança que adorava brincar, fazer bagunça era*

<sup>6</sup> O esforço de valorização das vozes ameríndias é um dos objetivos do grupo de estudos *Intelectuais e Epistemologias Ameríndias: Um Saber Intercultural em Foco*. Trata-se de um projeto de ensino que, no espaço do NETA, docentes, discentes e ameríndios/as lêem e discutem textos (artigos, livros, dissertações e teses) produzidos exclusivamente por autores/as indígenas sobre diversos temas, como educação, religião, espiritualidade, questão fundiária, direito, política, gênero, etc.

<sup>7</sup> A organização desse evento foi protagonizada pelo antropólogo Henyo Trindade Barreto Filho, então Consultor do Projeto GATI/PNUD. Outras informações: <http://cggamgati.funai.gov.br/index.php/pngati/not-cias/cursistas-do-sul-e-sudeste-debatem-cultura-e-natureza-durante-2-modulo-do-curso-basico-de-formacao-em-pngati/>

ROSA, Rogério Reus Gonçalves da. Jaxy e Jaxy Jaterê: o ponto de vista Guarani e de outros povos ameríndios sobre a origem da lua, as constelações e o saci-pererê (primeira parte). *Espaço Ameríndio*, Porto Alegre, v. 16, n. 1, p. 1-46, jan./abr. 2022.

*comigo mesmo, eu e outro colega a gente sempre ficava até oito horas e trinta, nove horas da noite brincando. Daí, tava bem escuro, por volta de oito horas mesmo, eu e meu colega estávamos brincando, dali a pouco nós começamos a escutar uns barulhos de assobio, um assobio alto foi chegando perto de nós, a gente foi conversando sobre aquele assobio para ver que barulho era aquele, e a gente foi indo, foi indo, até que a gente chegou em uma encruzilhada e o Saci se materializou na frente da gente. Daí, a gente conversou normal, a gente achou que era uma criança igual à gente, ele perguntou se a gente gostava de bombom.*

*Eu falei: -'eu gosto!', meu colega também: - 'eu gosto!'. Então, ele falou: -'vocês querem ganhar uma caixa de bombom?'*

*Porque, aqui [AcadeBio], na época, sempre vinham escoteiros, ficavam acampados uma semana, quinze dias no campo.*

*Ele falou: -'viu, vamos brincar com esses escoteiros, vamos assustar eles, vamos fazer eles ficarem com medo, daí eu dou uma caixa de bombom pra vocês. Vamos?'*

*Nós topamos! Ele marcou o horário da meia-noite para a gente se encontrar naquela encruzilhada, novamente.*

*A gente foi embora para casa, tomamos um banho, por volta da meia-noite, eu acordei, bem quietinho, sem que meus pais percebessem, abri minha janela, pulei a janela, fui até a casa do outro colega, bati na janela dele e simplesmente falei para ele: -'Alexandre, foi sonho o que aconteceu comigo, ou você viu também?'*

*Ele falou: -'não, eu também vi!'*

*Eu falei: -'você vai encarar ou vai ficar com medo?'*

*Ele falou: -'vamos lá!'*

*Daí, ele pulou a janela também, e a gente foi para aquele lugar combinado. Meia-noite em ponto a gente foi lá. Quando a gente chegou, foi coisa de minuto, a gente ouviu aquele assobio novamente, e veio chegando, chegando um assobio agudo em nossos ouvidos, e num passe de mágica ele se materializou na nossa frente novamente. A gente foi, ele foi na frente e a gente acompanhando ele atrás. Ele é como o folclore, pelo menos o que eu vi, é um menininho aparentemente de nove anos, da nossa idade, usa o gorro vermelho, um shortinho com a tira, o cachimbo e descalço. Igual a gente andava, a gente andava só descalço na época. E a gente acompanhou ele até lá. E chegamos lá, ele passou as coordenadas para a gente, como a gente ia assustar o pessoal. Eu comecei a atirar pedras nas barracas, meu colega começou a chacoalhar uma corrente e fazer gemidos, sei que foi um caos de susto naquela turma, as meninas berravam. Quando a gente se virou para a*

*gente reivindicar o nosso bombom, cadê, ele tinha desaparecido. Daí a gente já não viu mais.*

*Eu acordei no dia seguinte, a gente veio para a escola, eu conversei a mesma coisa com ele.*

*Viu. –'A gente fez tudo aquilo mesmo ou foi sonho, coisa da minha cabeça?'*

*–'Não, pior que a gente fez!'*

*–'Mas, eu tô mal, vamos lá contar pra eles que foi a gente que fez isso e o porque a gente fez?'*

*Ele falou, –'não, mas se eles batem na gente, prendem a gente?'*

*–'Não, vamos lá!'*

*–'Mas, então, você fala!'*

*Daí, a gente chegou lá, eu falei com eles: –'eu queria falar com o chefe dos escoteiros'. Daí o chefe de escoteiros acolheu a gente, super bem.*

*Eu falei: –'eu e meu colega estamos aqui para pedir mil desculpas e explicar o que aconteceu na noite passada'.*

*Ele falou: –'Ah, foram vocês?!'*

*–'Fomos! Não foi por maldade nossa, foi a mando de uma pessoa, não sei se vocês acreditam, mas eu vou falar, eu e ele vimos o Saci ontem, daí ele nos ofereceu uma caixa de bombom, a gente concordou em vir assustar vocês'.*

*–'Não?! Eu acredito nisso, nós escoteiros acreditamos nesse folclore!'*

*A gente pediu desculpas e o chefe dos escoteiros falou: –'por vocês terem contato a verdade, vocês vão passar o dia com a gente, vão almoçar, vão participar de gincanas'.*

*A gente passou um dia super agradável. No final da tarde, a gente recebeu uma medalha de honra ao mérito, além de brincar e se divertir o dia inteiro, ainda ele nos deu um garfo que eu nunca mais vi. É um garfo de três pontas tipo canivete [suíço]. Você aperta um botão nele e pum, ele pula pra fora. Eu tenho esse canivete até hoje guardado de lembrança. A história do meu Saci que eu ouvi é essa. Eu posso dizer que eu vi, ninguém é obrigado a acreditar como eu falei para você, eu simplesmente falo. Eu vi e sei que ele existe. Entendeu?*

*– Autor: Ele tinha as duas pernas?*

*– Rui: Não, uma só, uma só. Normal. Pra mim é que nem o desenho do folclore. Um negrinho bagunceiro que só ele.*

**Figura 1:** Saci Negrinho

Fonte: Pedro Castilhos da Rosa

Eu conheci Rui Sérgio Ferreira com trinta e cinco anos de idade (em 2014). Ele havia mantido até esse momento dois contatos com o Saci negrinho.<sup>8</sup> O primeiro, relatado acima, aos nove anos; o segundo, aos vinte e cinco anos. Olhando para seu corpo pergunto sobre a sua origem étnica, ele se define como “índio” e “tupiniquim”, disse-me, ainda: “*minha avó era filha de índios. Eu sempre adorei mato, o mato para mim é onde eu me sinto bem*”.

Importante dizer, Rui e seu amigo estão longe de serem as únicas crianças a conhecerem pessoalmente tal personagem. Outro narrador, o Quito, um jovem de quinze anos, defrontou-se com um Saci, também representado como um menino negro como o “carvão”, dez anos, porte pequeno e um metro de altura. Na percepção de Quito, dos olhos vivos do Saci tremeluzem brasas e quando ele ri expele fogo por suas narinas. De uma perna somente, ele saltita enquanto caminha (*apud* LOBATO, 2008, p. 111).

---

<sup>8</sup> Na cidade de Tupanciretã, região noroeste do Rio Grande do Sul, dona Olanda Kolinski da Silva, professora das séries iniciais há mais de quarenta anos, fala sobre o Saci-Pererê: “*um menino de cinco, seis anos, no máximo sete, miúdo. Tinha uma perninha só, mágico, andava no mato, pulando de bonezinho vermelho, ele gostava muito de entrar nas casas para roubar, pegar emprestado os cachimbos das pessoas, dava uma fumada, deixava lá. No outro dia preparavam de novo e ele pegava de novo e fumava os cachimbos das vovós. Ele ia a pé, quando a vó o achava dava um corredão nele, ele saía pulando com um pé só*” (Entrevista com Cristhiano Kolinski, agosto de 2020).

ROSA, Rogério Reus Gonçalves da. Jaxy e Jaxy Jaterê: o ponto de vista Guarani e de outros povos ameríndios sobre a origem da lua, as constelações e o saci-pererê (primeira parte). *Espaço Ameríndio*, Porto Alegre, v. 16, n. 1, p. 1-46, jan./abr. 2022.

Nhô Vadô Rodrigues, esse “*um velho boiadeiro*”, é outro narrador. O Saci que ele presenciou usa camisa e calça de tecido de algodão, sua cabeça é coberta por um gorro pintado de urucum luminoso, os seus olhos expõem fogo. Com as mãos furadas, ele brinca de petecar brasa de fogo enquanto caminha e carrega seu cachimbo de barro<sup>9</sup>. Por sua vez, a Negra Joana adiciona que, além da carapuça vermelha, o Saci usa camisa e calção vermelho de algodão. No seu modo de ver, ele tem nariz adunco, barbinha e unhas das mãos compridas (*apud* LOBATO, 2008, p. 75, 105).

Nas palavras de André Capeta, a marca do Saci-Pererê é a gargalhada, o assovio estridente e o inseparável cachimbinho de barro. Para o Nhô Samé, esse personagem assobia, grita, canta, chora e voa. Por sua vez, o preto velho Nhô Urbano comenta que o Saci é o “filho do diabo”, adora trançar as crinas dos cavalos e fazê-los galopar a noite inteira servindo-se da cauda como rédeas. Urbano alerta que não se deve mexer com os passarinhos porque o Saci é o protetor dos seus ninhos. Já o tio Cosme, sexagenário que não tem medo de nada, inclusive, já disparou tiro em Saci<sup>10</sup>, recomenda usar sempre um santinho São Bento no pescoço com um dente de alho descascado no seu interior para se defender ao avistar um redemoinho de tal criatura (*apud* LOBATO, 2008, p. 45, 57, 82, 83, 139, 140, 173, 174, 261, 262).

Importante explicitar, os relatos de Quito, Nhô Vadô Rodrigues, negra Joana, André Capeta, Nhô Samé, Nhô Urbano e tio Cosme são parte do livro *Saci-Pererê: Resultado de um Inquérito*, de Monteiro Lobato. O mesmo trata-se de uma investigação de abrangência nacional sobre o Saci-Pererê, obra lançada no Estadinho (edição vespertina de *O Estado de São Paulo*), em janeiro de 1917. Através dos setenta e três depoimentos selecionados por meio de cartas assinadas por pseudônimos enviadas ao Jornal – suponho que de pessoas letradas e classes abastadas! – é possível ler nas entrelinhas as vozes e as experiências de ex-escravos/as trabalhadores/as de fazendas, empregados/as negros/as e pretos/as velhos/as, como as acima apresentadas (LOBATO, 2008).

Como se verá na continuidade, determinadas características físicas e intersubjetivas do Saci-Pererê mencionadas acima são perceptíveis também entre os Guarani, a partir de textos produzidos por escritores “brancos” e indígenas. Em relação aos primeiros, Francisco Schaden, em *Índios e Caboclos*, explica que o Saci faz “diabruras” nas horas noturnas porque ele enxerga muito mal. Em suas palavras: “em tupi-guarani, a palavra ‘saci’ traduz ‘vista doente’” (SCHADEN, 1949, p. 41). Além disso, o professor situa o “elemento africano” do personagem, descrevendo esse enquanto um anãozinho, “cor preta”, portador de gorro vermelho, cachimbo na boca, uma perna, muito ágil, que caminha dando cambalhotas, sendo também desprovido de quaisquer órgãos anatômicos relacionados à evacuação e à micção (1949, p. 41). Ao fim do texto, ele

<sup>9</sup> Nhô Vadô Rodrigues discorre ainda sobre um Saci que vive em Minas Gerais: “*Em Minas há um muito reinador que atenta os garimpeiros, vira os corumbés, esconde a matula, é trelador com as moças e apadrinhador de casamentos. Um faisgador seu compadre disse-lhe que se chamava essa espécie sacerê. Também usa calças de algodão e entra n’água sem se molhar*” (*apud* LOBATO, 2008, p. 75).

<sup>10</sup> Mas, o Saci “estalou a língua, soprou com força uma nuvem de fumaça e de chumbo na cara do Tio Cosme, dizendo: ‘Meu avô, seu fumo é muito fraco, mas tem bom gosto’” (*apud* LOBATO, 2008, p. 140).

ROSA, Rogério Reus Gonçalves da. Jaxy e Jaxy Jaterê: o ponto de vista Guarani e de outros povos ameríndios sobre a origem da lua, as constelações e o saci-pererê (primeira parte). *Espaço Ameríndio*, Porto Alegre, v. 16, n. 1, p. 1-46, jan./abr. 2022.

caracteriza um terceiro Saci-Pererê, esse “quase antropomorfo”, bípede, cor de pele “bronzada como a dos índios”, também sem os órgãos de evacuação e micção, longa cabeleira vermelha que esvoaça quando realiza as suas piruetas. Esse Saci, embora possua as duas pernas, tem “uma ferida em cada joelho, razão pela qual coxeia um pouco” (1949, p. 42).

A perspectiva da “vista doente”, da ausência de uma perna e da vinculação à raiz tupi-guarani é destacada também pelo médico e coletor de palavras indígenas, de nome Clóvis Chiaradia. No *Dicionário de Palavras Brasileiras de Origem Indígena*, ele cunhou as seguintes definições para Saci, Saci-Cererê, Saci-Pererê e Saci-Perererê:

SACI. 1) entidade fantástica (século XIX), negrinho de uma perna só, de cachimbo e barrete vermelho; persegue ou arma cilada aos viajantes; no vale do Paraíba do Sul, tem um olho doente (eçá-aci) e o outro muito vivo (eçá-pererê) [...]; 2) v. matintaperera 1 (*Tapera naevia*). [...] do T.G. [Tupi-Guarani] (e)çá-aci – o olho doente.  
 SACI-CERERÊ – a) do T.G. saci-cererê = saci-pererê.  
 SACI-PERERÊ – a) T.G. saci-pererê – o saci que anda aos saltos, inquieto.  
 SACI-PERERERÊ – a) T.G. (e)çá-aci = saci – olho doente; (e)ça-pererê = sapererê; olho inquieto (CHIARADIA, 2008, p. 569).

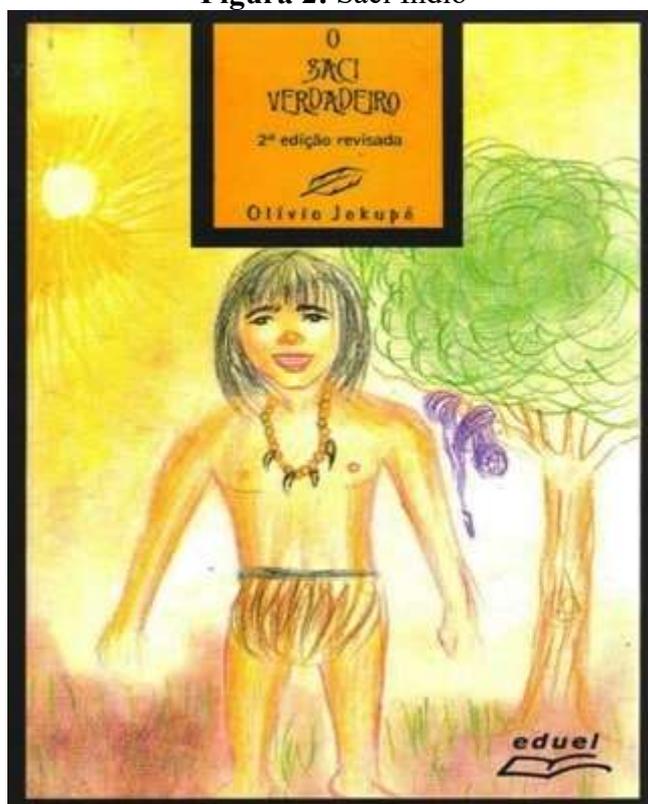
Assim como nas obras de Francisco Schaden e Clóvis Chiaradia, o Saci-Pererê de matriz indígena não passa despercebido de um clássico etnólogo. Egon Schaden explica que o Saci é parte da vida dos ameríndios que habitam o Brasil desde pelo menos os Tupinambá litorâneos. No tópico *Constelações e Saci no Céu Guarani* esse ponto de vista será aprofundado.

Assim, no livro *Aspectos Fundamentais da Cultura Guarani* está registrada a presença desse personagem entre os Nandéva e os Kayová. Tratando-se dos Nandéva, no Araribá, essas pessoas chamam-no de *atsýyguá*, um ser responsável por causar doença ou dor a quem o encontrasse. Na condição de invisível e mudo, os Guarani ao escutar seu assobio sentem medo do Saci. Quanto às suas características físicas, trata-se de um personagem pequeno, de aparência humana, “pretinho” (por isso, conhecido por *kambá î*), provido de duas pernas e não fumante (SCHADEN, 1974, p. 156; ROSA, 2013, p. 195).

Já entre os Kayová, a partir de narrativas colhidas em Benjamin Constant, o nome é *xaxim-taterê*. Egon Schaden conclui que tal nome se deve ao contato dessas pessoas com a cultura brasileira ou paraguaia. Trata-se também de um menino, aparentando cinco anos, bípede, de cor preta ou branca. Ele gosta muito de tabaco e aguardente. A sua força mágica reside em um pequeno bastão que carrega consigo. Para os Kayová, o *xaxim-taterê* se manifesta nas picadas do mato através de um assobio penetrante, que causa arrepios, fazendo estremecer quem o escuta. Tais pessoas afirmam que ele é uma espécie de “guarda da noite” e que, quando o arremedam ou duvidam de sua vivência, ele aparece com

seu bastão a fim de castigar os incrédulos (SCHADEN, 1974, p. 156-7; ROSA, 2013, p. 195-6).

**Figura 2:** Saci Índio



Fonte: Desenho de Capa - Olavo Ricardo; Projeto Design - Mariano L. de Andrade Neto Editora UEL

Um Saci-Pererê com duas perninhas também se faz presente no conjunto da obra de Olívio Jekupé. Trata-se de um escritor guarani, morador do *tekoá* Krukutu e presidente da Associação Guarani Nhe'e Porá. No livro intitulado *O Saci Verdadeiro*<sup>11</sup>, Jekupé apresenta duas narrativas a respeito de um Saci generoso, que trata com zelo e autoridade a floresta e os seres que nela habitam (JEKUPÉ, 2002; ROSA, 2013, p. 196-199).

A primeira delas, *O Índio Só De Um Braço*, traz a intriga de um indiozinho chamado Tupã Mirim. Ele possui somente o braço esquerdo, motivo que o impede de caçar, coletar, pescar e, por timidez, namorar alguém. O pai desse menino sempre o recomenda a não andar sozinho, pois uma onça ou um espírito malévolo poderão atacá-lo. Mas ele não se conforma e constantemente vai à floresta. Porém, mal sabe Tupã Mirim que um personagem sempre o protege, logo ele, o Saci (JEKUPÉ, 2002, p. 6; ROSA, 2013, p. 197).

O Saci de Jekupé é um espírito bom, um índio pequeno, bípede, geralmente invisível a todos<sup>12</sup>, atento ouvinte dos pedidos das pessoas.

<sup>11</sup> Kimiye Tommasino me deu de presente *O Saci Verdadeiro* em dezembro de 2005. Eu levei um *susto* porque até então o único Saci que conhecia era o Saci negrinho.

<sup>12</sup> Esse Saci-Pererê era visível somente “quando queria e para as pessoas boas de quem gostasse” (JEKUPE, 2002, p. 6).

Seu poder concentra-se em um colar de nome baêta, que ele traz pendurado em seu pescoço. Gradativamente, a amizade entre Saci e Tupã Mirim se aprofunda, a ponto de o primeiro prover um braço ao segundo (JEKUPÉ, 2002, p. 6; ROSA, 2013, p. 197).

A aquisição do braço direito – invisível às pessoas – possibilita Tupã Mirim a nadar no rio, a subir em árvores, a lidar com o arco e flecha, além de caçar veado, quati e onça – e, sim, a namorar a bela guarani de nome Kerexú, recém chegada à aldeia (JEKUPÉ, 2002, p. 6-24; ROSA, 2013, p. 197).

Na narrativa seguinte, *O Saci Verdadeiro*, homônima ao título do livro, Jekupé apresenta o personagem Karaí, uma criança guarani que adora escutar as histórias do Saci transmitidas pela avó e pela mãe. Mas, aos oito anos ele vai à escola e lá ele escuta a versão baseada no escritor Monteiro Lobato, o personagem enquanto uma criança negra, roupas vermelhas, cachimbo na boca e assobiando (JEKUPÉ, 2002, p. 29-31).

Intrigado com tal interpretação do ilustre personagem, Karaí sai um dia da aldeia em direção ao mato, comentando consigo: “Se o Saci aparecesse para mim, eu saberia de que jeito ele é” (JEKUPÉ, 2002, p. 32). Eis que Saci-Pererê surge e os dois estabelecem o seguinte diálogo:

- Karaí: Então você sabe da história que eles contam do Saci negrinho.
  - Saci: Sim, eu sei.
  - Karaí: Então, quer dizer que não existe nenhum Saci negrinho como eles dizem?
  - Saci: Não, não existe.
  - Karaí: E só existe você?
  - Saci: Não, eu tenho um irmão. Eu sou protetor dos animais e meu irmão, protetor das aves.
  - Karaí: Pois é, eles falam que existem vários Saci e que eles nascem da taquara.
  - Saci: É criação deles.
  - Karaí: E você não fica bravo deles ficarem falando de você, mas ao contrário?
  - Saci: Não, acho até bom, pois se eles ficarem sabendo... fico imaginando o quanto seria ruim. [...]
- Aí ele [Karaí] foi para sua casa e muito contente, porque viu pelos seus próprios olhos que ele existe mesmo e que é um índio... (2002, p. 33).

Enfim, a narrativa *O Índio Só De Um Braço* valoriza o Saci como um “índio”, também um ente protetor, na medida em que ele autoriza – e facilita – a caçada da onça pelo Tupã Mirim. Sua atitude é marcada por uma discricção. Em *O Saci Verdadeiro*, o autor amplifica a ideia do espírito “dono”, quando trás a seguinte fala do personagem: “Eu sou protetor dos animais e meu irmão, protetor das aves”. Esse diálogo surpreende, ainda, pois se descobre que o Saci possui um irmão (JEKUPÉ, 2002, p. 33).

Enfim, através das vozes de Rui Sérgio Ferreira, Tio Cosme, Nhô Samé, Quito, Nhô Vadô Rodrigues, André Capeta, Negra Joana, Nhô Urbano, Francisco Schaden, Clóvis Chiaradia, Egon Schaden e Olívio

Jekupé somos arrebatados pela presença plural de Saci. A partir desses autores, cruzando de início Saci negrinho e Saci índio, uma série de dualismos se apresenta a partir dos seguintes termos em relação<sup>13</sup>:

gorro cabeça : colar baeta	::	serelepe : bondoso	::	toma objeto : dá objeto
diabrura : dono floresta	::	olho doente : sem órgão	::	perna cortada : bípede
		micção		

Alguns desses dualismos serão aprofundados tanto no tópico *Jaxy Jaterê, Calendário Cosmológico e Saci-Pererê*, a seguir, como em *O Saci e Outros Personagens Pernetas*, na segunda parte. Mas, antes disso, os próximos parágrafos vão se dedicar a uma breve apresentação da mitologia, o gênero narrativo que entrelaça humano, não humano e sobrehumano. Na continuidade, a etnologia ameríndia oportunizará dados importantes para se traduzir o sensível mundo guarani – habitado pelo Saci-Pererê e Saci.

## Mitologia e Saberes da Etnologia Guarani

Na perspectiva ameríndia, mito não é sinônimo de falso ou ficção, tampouco uma mera explicação sobre fenômenos da natureza. A mitologia trata-se de uma modalidade narrativa que dá vasão à interação holística e comunicacional, de reconhecimento mútuo entre parceiros humanos (Mbyá, Chiripa, afro-americanos), não humanos (espíritos, animais, vegetais, estrelas) e sobre-humanos (divindades, espíritos, *karaí*) em um dado mundo físico ou virtual (CRÉPEAU, 2005, p. 27-8; ROSA, 2011, p. 99).

Mitólogos, etnólogos e antropólogos compartilham a concepção que mito é um padrão típico de culturas orais, tendo origem a partir de uma pluralidade de fontes, ligado à ideia de tradição, crença, hábitos, *habitus*, regras de conduta, ideologia, história, princípios morais ou teoria oral da prática (GOODY, 2012, p. 11; LITAIFF, 2018, p. 15). Além disso, segundo José Carlos Rodrigues:

O Essencial nos mitos é a autonomia em relação a quaisquer funções práticas e a possibilidade de se apresentar como uma espécie de atividade pura e livre do intelecto: neles o pensamento encontra-se menos submetido às pressões das circunstâncias externas e depende apenas de suas próprias coerções internas. Se, fora do mito, é impossível que onças e jabutis contraíam núpcias, no plano da narrativa mítica é perfeitamente possível que este conúbio tenha lugar (2015, p. 176).

Tratando-se das relações internas, os mitos enfatizam, tanto em termos do conteúdo quanto da forma, a qualidade da repetição, da

<sup>13</sup> Legenda: (:) = está para | (::) = assim como.

ROSA, Rogério Reus Gonçalves da. Jaxy e Jaxy Jaterê: o ponto de vista Guarani e de outros povos ameríndios sobre a origem da lua, as constelações e o saci-pererê (primeira parte). *Espaço Ameríndio*, Porto Alegre, v. 16, n. 1, p. 1-46, jan./abr. 2022.

inversão, da reversão, além da presença do eixo vertical<sup>14</sup> e a perspectiva da gemelaridade. Liberada das exigências pragmáticas, uma narrativa dessa ordem introduz a intriga, a partir do excesso ou da falta de comunicação, considerando os motivos da indiscrição, do mal-entendido, do esquecimento e da nostalgia. Segundo Robert Crépeau, esses enunciados podem estar, a depender do contexto, em relação direta ou indireta com a realidade prática ou ritual (*apud* LITAIFF, 2018, p. 105; CRÉPEAU, 1997A, p. 182; 2008, p. 62-4; LÉVI-STRAUSS, 1993; 1996; 2004A; ROSA, 2011, p. 101-2).

Considerando as concepções de Claude Lévi-Strauss, em especial, as veiculadas no conjunto das *Mitológicas*, os mitos são incompletos, intermináveis, situando-se “entre” culturas, tornando explícitas as fronteiras topológicas permeáveis, ou seja, as características e as hierarquias de humanos, animais e vegetais no mundo terrestre, subterrâneo, aquático e celestial. A partir da ordem subjacente da continuidade – que reúne humano, não humano e sobrehumano em um mundo virtual comum – o mito realiza a passagem desses seres à descontinuidade (LÉVI-STRAUSS, 2004A, 2004B, 2006, 2011, p. 650; CRÉPEAU, 1997A, p. 182; 2005; ROSA, 2011; 2017; LITAIFF, 2016; 2018).

Desse modo, enquanto uma linguagem dotada de lógica e gramática específicas, coerência interna e autonomia frente à realidade, além de movimento sincrônico e intemporal, os mitos são constituídos por grupos de acontecimentos que terminam por revelar esquemas de pensamento. Segundo Lévi-Strauss, os esquemas que a matéria mítica irradia enquanto um corpo multidimensional se estendem na forma de uma nebulosa (2004A, p. 21; RODRIGUES, 2015, p. 176-8). Em suas palavras:

À medida que a nebulosa se expande, portanto, seu núcleo se condensa e se organiza. Filamentos esparsos se soldam, lacunas se preenchem, conexões se estabelecem, algo que se assemelha a uma ordem transparece sob o caos. Como numa molécula germinal, sequências ordenadas em grupos de transformações vêm agregar-se ao grupo inicial, reproduzindo-lhe a estrutura e as determinações. Nasce um corpo multidimensional, cuja organização é revelada nas partes centrais, enquanto em sua periferia reinam ainda a incerteza e a confusão (LÉVI-STRAUSS, 2004A, p. 21).

Assim, despreendendo-se das séries paradigmáticas conservadoras – que fundam a oposição natureza/cultura, objeto/sujeito, animalidade/humanidade, corpo/espírito e sensível/inteligível – os mitos ultrapassam a expectativa do atomismo, do dualismo e do representacionismo que a ciência segue enquanto modelo. Percorrendo o caminho da nebulosa, a mitologia assenta as suas bases criativas na oralidade, no encanto onírico e na mediação das oposições

<sup>14</sup> Personagens que sobem e descem do céu, que ingressam nas profundezas da terra, mergulham nas águas, relação entre as categorias cabeça e pés, etc.

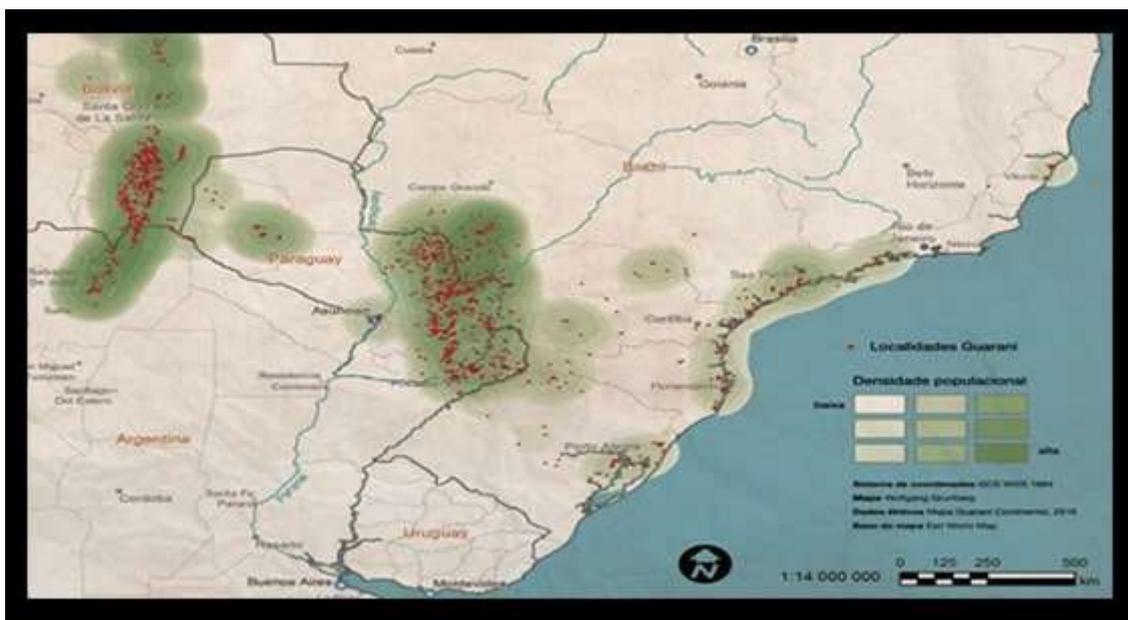
ROSA, Rogério Reus Gonçalves da. Jaxy e Jaxy Jaterê: o ponto de vista Guarani e de outros povos ameríndios sobre a origem da lua, as constelações e o saci-pererê (primeira parte). *Espaço Ameríndio*, Porto Alegre, v. 16, n. 1, p. 1-46, jan./abr. 2022.

protagonizadas pelos personagens. Nas palavras do Guarani Timóteo de Oliveira, “todas as histórias são verdadeiras, não importa como são contadas” (SOUZA, 2020, p. 210).

A partir disso, determinados coletivos ameríndios dão nomes específicos a tal gênero narrativo. Para os Guarani, por exemplo, mito é *nhanderekoram idjipy*, ou seja, “a história da origem de nhande reko, como chamamos o nosso sistema, nossa cultura” (LITAIFF, 2018, p. 26; WATTS-POWLESS, 2017, p. 261, 268). Nas palavras do guarani Samuel de Souza, “para nós não significa mito ou lenda, mas sim uma verdade que nossos antepassados presenciaram há muito tempo atrás” (2020, p. 209).

Mas quem são os Guarani a partir da etnologia ameríndia? Na América do Sul contemporânea existem quatro povos: Chiriguano, Kayowa, Mbyá e Chiripa (ou Nhandeva). Uma designação que caracteriza os Guarani é “gente que vem de longe”. Pode-se dizer que, essas pessoas estão em mobilidade entre a Bolívia, o Paraguai, a Argentina, o Uruguai e o Brasil. Em particular, nesse último país, os Guarani habitam centenas de *tekoá* (aldeias do grupo) com ênfase nas regiões sul, sudeste e centro-oeste. Segundo Adriana Schmidt Dias e Sergio Baptista da Silva: “temos no povo *guarani* uma unidade cultural mito-cosmológica, mas que dialoga com uma diversidade de identidades sócio-políticas constitutivas das relações entre as três parcialidades étnicas e, mesmo, entre os *tekoá*” (2014, p. 85; LITAIFF, 2018, p. 16).

A partir desse mapa geográfico percebe-se que os Guarani – cerca de duzentas e oitenta mil pessoas vivendo em mais de mil e quatrocentas aldeias de tamanhos diversos – pertencem a um dos povos ameríndios de maior continuidade e presença territorial na América Latina. Ao todo, são mais de dois mil anos de manejo de recursos abundantes em um núcleo florestal e recursos marginais, considerando áreas alagadiças, colinares, cerritos, sambaquis, abrigos e dunas. Mas, após cinco séculos de processo colonial espanhol e português, seu território ancestral se encontra devastado, esgotado e contaminado pela introdução de gado, monocultura da soja, cana de açúcar, plantio de plantas exóticas (eucalipto, pinus e pastos exóticos), além da expansão urbana. Em outras palavras, fazendeiros, usineiros, petroleiros, empresários da agricultura mecanizada, do abate de animais e do setor imobiliário, além de agentes públicos, expulsam os Guarani – com ações de violência física e simbólica – de seus *tekoá* para beira de estradas e periferia urbana. Hoje, muitas dessas pessoas dependem do mercado de trabalho agrícola em suas próprias terras ancestrais ou em outras (MOTTA, 2019, 2020), além de políticas de assistência social do Estado, como cestas básicas, rede hospitalar, moradia, transporte, água, segurança, etc. (EMGC, 2016, p. 6-12; SCHNEIDER et al 2017, p. 34).

**Figura 3:** Mapa Guarani Continental

Fonte: Caderno Mapa Guarani Continental: povos Guarani na Argentina, Bolívia, Brasil e Paraguai. / Equipe Mapa Guarani Continental - EMGC. Campo Grande, MS. Cimi, 2016, p. 4.

Tratando-se da organização social interna, segundo Aldo Litaiff, os Guarani se baseiam “na família extensa bilinear, endogâmica e uxorilocal, composta por pais/sogros, filhos e filhas solteiras, filhos casados, noras e genros”. Essas pessoas se organizam em torno de duas lideranças: uma, política, de nome *nhanderuxitcha* (cacique); outra, espiritual, chamada *karai* (xamã) (LITAIFF, 2018, p. 19, 16, 17).

Com relação à economia, na agricultura, a partir do etnólogo Martín César Tempass, os Mbyá-Chiripa cultivam *jety* (batata-doce), *komandá* (feijão), *pakoá* (banana), *mandu'i* (amendoim), *taquare'ey* (cana-de-açúcar), além de *awaty* (milho) e *mandió* (mandioca). Uma pequena parcela dos vegetais é proporcionada através da coleta, como *guãpitá* (fruto da pindó), *araxa guaxu* (goiaba), *araxa* (araçá), *araxiku* (araticum), *yva pytã* (pitanga), *pacoa* (banana), *guavirá* (guabiroba), além do mel silvestre. Apesar das pequenas extensões de floresta, a caça continua sendo o grande tema nos diálogos dos homens guarani. Suas narrativas em torno do *koxi* (porco do mato), *tapixi* (lebre), *araku* (saracura), *xi'y* (quati), *tatu* (tatu), *jaixa* (paca), *mboreví* (anta), *kapi'yva* (cavalo), *jakare* (jacaré), *xiví* (onça), *guaxu* (veado), *caí* (macaco), diversos pássaros e *pirá* (peixes) mostram como esses animais são valorizados na dimensão prática e simbólica (TEMPASS, 2010, p. 120-1, 140, 177).

Na contemporaneidade, considerando a drástica redução do seu território ancestral, a produção e a venda de artesanato ao longo de rodovias e centros urbanos é outra fonte de renda, possibilitando acesso a bens materiais. Nesse sentido, os principais objetos produzidos, de tamanhos e modelos variados, com matéria-prima proveniente da floresta são: *mbo'i* (colar), *apa* (arco), *u'y* (flecha), *mbaraka* (chocalho), *adjaka* (cesto), *vichora'anga* (animais), etc. (LITAIFF, 2018, p. 17; ASSIS, 2006, p. 265-274). A partir do interlocutor mbyá Santiago Franco, a etnóloga Valéria Soares de Assis

menciona que os animais são elaborados “a partir de madeiras ‘moles’, fáceis de esculpir, especialmente a denominada **kurupikay**” (*grifos da autora*, 2006, p. 265).

Em linhas gerais, um *tekoá* é organizado considerando uma área de lavoura coletiva, espaços menores de cultivo consorciado para uso diário, pequenas concentrações de casas (de três a cinco) onde habitam as famílias nucleares, que formam uma família extensa, além da *opy* (casa de rezas), localizada no centro, onde todos se reúnem durante os rituais. Desse modo, no mês de fevereiro, acontece o *Nhemongara’i* (ritual “batismo do milho”), evento em que são rezados os principais alimentos e batizadas as crianças que iniciaram a falar e a andar. Nesse momento, o *karai* narra o nome do espírito recém-encarnado, através da revelação enviada pelas divindades guarani (LITAIFF, 2018, p. 19).

A respeito disso, os Guarani têm as seguintes deidades: *Ñanderú/Nhandecy* – o Pai Criador, líder de todos, que mora na direção leste, no nascente; eles são os pais de *Kuaray*, o Sol, que, por sua vez, dá origem ao irmão *Jaxy*, concebido como o Lua. Por conseguinte, *Nhãmandú Ru Eté*<sup>15</sup>/*Nhãmandú Chy Eté*<sup>16</sup>. A seguir, *Karai Ru Eté/Karai Chy Eté* – situado à leste; para alguns, deus do fogo, para outros, relacionado a *Paraguaçu*, o grande mar, que envia os espíritos originários *Karai* (masculino) e *Kerechu* (feminino). Imediatamente, *Tupã Ru Eté/Tupã Chy Eté* – situado a oeste, divindade das águas, que envia os espíritos originários *Vera* (masculino) e *Para* (feminino). Após, *Jakaira Ru Eté/Jakaira Chy Eté* – situado no centro do céu, divindade da estação primavera e dono da neblina revitalizante, ela envia os espíritos originários *Sunum* (masculino) e *Ara* ou *Jachuka* (feminino)<sup>17</sup> (TEMPASS, 2012, p. 139, 147; CADOGAN, 1959, p. 16-17, 27; LITAIFF, 2018, p. 19; MOREIRA; MOREIRA, 2020, p. 51; PRADELLA, 2009, p. 89; PRATES, 2009, p. 74).

Em relação à pessoa mbyá-chiripa, essa é portadora de duas almas: a primeira, *Nhe’é* (*ñe’ë* ou *Ne’eng*), significa “alma-palavra” ou “alma-sopro-palavra”, sendo de origem divina ou sagrada. Nas palavras de Cadogan, “el espíritu que envían los dioses para que se encarne en la criatura próxima a nacer” (1959, p. 25). A Guarani Sandra Benites Ara Rete propõe a *nhe’ë* a tradução de “espírito-nome” (2020, p. 255).<sup>18</sup> A segunda, de nome *angué*, é relacionada à alma telúrica, à porção terrestre e imperfeita da pessoa, à mortalidade, à sombra e ao animal (CICCARONE, 2001, p. 131; TEMPASS, 2012, p. 138; PRATES, 2009, p. 11; SOARES, 2012, p. 71).

Tratando-se de *nhande rekoram idjipy* (mito), os Guarani viveram na origem em *Ivy Tenonde* (primeira terra). Nesse território originário essas pessoas foram divindades menores junto a *Nhanderu*, *Karai*, *Tupã*, *Kuaray*

<sup>15</sup> Os nomes das divindades nas narrativas passam por sutis transformações, a depender do coletivo guarani e do narrador. Desse modo, os Guarani de Misiones, Argentina, designam *Nhamandu* como o ser supremo, o verdadeiro pai da humanidade (CADOGAN, 1959, p. 16-17, 27).

<sup>16</sup> Os nomes *Chy Eté* são femininos; por sua vez, *Ru Eté*, masculinos.

<sup>17</sup> Sobre divindades e origem dos nomes Mbyá, consulte: SOARES, 2012, p. 70; TEMPASS, 2012, p. 140.

<sup>18</sup> Segundo Benites: “Talvez uma tradução possível na língua portuguesa, por exemplo, e mais próxima do significado na Língua Guarani, seja espírito-nome. Entendo que *alma* e *espírito* (ambas de origem latina, a primeira vem de *anima* e a segunda de *spiritus*) em português são sinônimos, conforme o dicionário *Aurélio*. Mas, na língua guarani, como vimos, são termos completamente diferentes e de significados distintos” (2020, p. 255).

e *Jakaira*. Mas o evento do incesto gerado pela divindade *Karai Jeupié* provoca o *iporum*, o dilúvio, a destruição de *Ivy Tenonde*. Nas palavras do Mbyá Timóteo Karai Tataendy: “um Karai se casou com a irmã de seu pai, Deus ficou muito zangado, porque nós não podemos casar com parente. Veio então muita água e destruiu *Yvy Tenonde*. Choveu durante três meses sem parar, só a cabeça deles (sobrinho e tia) ficava fora da água” (LITAIFF, 2018, p. 64; p. 33, 34; TEMPASS, 2012, p. 141; CADOGAN, 1959, p. 17, 34, 58).

A partir disso, a maioria dos habitantes da primeira terra ascende ao “paraíso”, esse marcado pela eternidade. Já os seres não virtuosos descem à *Yvy Pyau*<sup>19</sup> (segunda terra), local marcado pela descontinuidade e pela morte, enfim, à terra atual. Aqui, novamente, os Guaraní buscam a perfeição, o retorno à *Ivy Tenonde* ou à terra sem males (LITAIFF, 2018, p. 33-34; TEMPASS, 2012, p. 141; CADOGAN, 1959, p. 17, 34, 58). Nas palavras de León Cadogan:

Esta tierra, dicen los mburuvicha, es lugar de pruebas para la humanidad: tape rupa reko achy = sendas de la imperfección terrenal, caminos de las imperfecciones; es por éso que dice *Jakaira* que “contiene presagios de infortunios para nuestros hijos hasta la postrer generación”. No obstante, él creará la pipa y el tabaco para que con el humo puedan defenderse contra las enfermedades, los duendes malévolos, etc. (1959, p. 62).

Considerando que a mitologia se situa no ponto de articulação de uma língua e uma cultura com outras línguas e outras culturas (LÉVI-STRAUSS, 2011, p. 622) e que “os Mbyá-Guarani são um ‘junto’, ou um ‘entrelaçamento’ com os demais seres cosmológicos” (TEMPASS, 2010, p. 156), a seguir será retomada a ligação dos Guaraní ao Saci-Pererê. Dessa forma, o texto dará os primeiros passos na aproximação da mitologia à astronomia cultural, evidenciando a contribuição dos Mbyá-Chiripa nesse processo, a partir do personagem *Jaxy Jaterê*.

## **Jaxy Jaterê, Calendário Cosmológico e Saci-Pererê**

O ponto de partida desse tópico é uma entrevista do etnoastrônomo Germano Bruno Afonso ao jornal eletrônico *A Nova Democracia*, intitulada *A Impressionante Astronomia dos Índios Brasileiros*. No último parágrafo o próprio autor lança uma pergunta e dá resposta surpreendente:

---

<sup>19</sup> “De acuerdo a la mayoría de los relatos que he escuchado acerca de la creación de *Yvy Pyaú*, sin embargo, no fué *Jakaira Ru Ete* personalmente quien creó la tierra en que vivimos. Hay quienes afirman que fué un hijo de él, *Ychapy i*; otros, que fué *Nande Ru Pa-pa Mirí*, acerca de cuya paternidad existe discrepancia, afirmando unos que es hijo de *Ñamandu*, otros que es hijo de *Jakaira*. La mayoría, sin embargo, afirman que *Ychapy i* es sinónimo de *Pa-pa Mirí*, siendo éste el nombre que empleo al referirme a él” (CADOGAN, 1959, p. 62).

Você sabia que o mito do Saci Pererê, que muita gente pensa ser africano, é o Jaxy Jaterê dos índios brasileiros? Significa “fragmento de Lua”. A origem do Saci Pererê é a mitologia indígena e tem ligação com a Astronomia (2004, internet).

A aproximação de Saci-Pererê a *Jaxy Jaterê*, mencionada por esse etnoastrônomo, evidencia os seus diálogos com os pajés guarani de nomes Karai Miri Poty (*tekoá* Ciudad Real de Guairá, município Terra Roxa), Onório Benites (*tekoá* Ocoí) e Manoel Firmino (*tekoá* Mangueirinha) no Paraná (AFONSO, 2006, p. 50; LIMA; MOREIRA, 2005, p. 19). A propósito, esse dado reaparece a mim na voz do cacique guarani Adolfo Timóteo, na mesa-redonda *A Terra Nos Dá O Remedio: Corpo e Espírito*, do evento Constelações Extraocidentais: Corpos e Palavras.<sup>20</sup> Por sua vez, Olívio Jekupé, no livro *O Presente de Jaxy Jaterê*, escreve o seguinte sobre Saci-Pererê e Jaxy Jaterê:

Para o povo guarani, Jaxy-Jatere é o protetor da floresta e dos animais que nela vivem. Ele usa um colar que lhe dá poderes e não gosta de ver ninguém maltratando a natureza. Por isso, ao entrar na mata, os Guarani pedem autorização a Jaxy, chamando o seu nome. Aqui no Brasil, esta lenda do Jaxy foi difundida pelos escravos africanos, e o personagem ganhou o nome de Saci-Pererê, o famoso menino traquina de uma perna só (JEKUPÉ, 2015, p. 28).

De fato, é instigante conceber o Saci-Pererê como *Jaxy Jaterê* (fragmento de Lua) ou *Kamba'i* (negro pequeno) a partir de uma tradução da língua guarani para a portuguesa. Mas, há narrativas onde *Jaxy Jaterê* e Saci são dois personagens, portanto, vinculados à gemelaridade. Considerando isso, trago um segundo mote de análise: a ideia da mitologia de reconhecimento mútuo entre parceiros humanos, não humanos e sobre-humanos em um dado mundo físico ou virtual – ou, como disse Jekupé, “ao entrar na mata, os Guarani pedem autorização a Jaxy, chamando o seu nome” (2015, p. 28; CRÉPEAU, 2005, p. 27-8; ROSA, 2011, p. 99).

A partir disso, o artigo percorrerá dois caminhos: primeiro, agora, a vinculação sociológica e mitológica dos Guarani a *Jaxy* – até se revelar *Jaxy Jaterê* e Saci-Pererê. Segundo, no tópico *Saci e Tudja'i Também São Já (dono)!*, no próximo número da Espaço Ameríndio, à vinculação de Saci à lógica do poder guarani.

Os dados etnográficos apontam que os Guarani relacionam sua economia – agricultura, coleta de plantas medicinais, extração de mel, caça e pesca artesanal, produção de artesanato, corte da madeira – marés, estações do ano (observação dos astros e dos ventos) e até a incidência

<sup>20</sup> Uma realização do projeto *Rede Povos Originários e Diaspóricos: epistemologias e territorialidades*, coordenado pela Ana Lúcia Liberato Tettamanzy e pela Marília Raquel Albornoz Stein, atividade realizada em Porto Alegre, dias 23 e 24 de novembro de 2017. Nesse evento, durante a palestra do astrofísico Alan Alves Brito, fui apresentado ao *software Stellarium* e às constelações guarani.

ROSA, Rogério Reus Gonçalves da. Jaxy e Jaxy Jaterê: o ponto de vista Guarani e de outros povos ameríndios sobre a origem da lua, as constelações e o saci-pererê (primeira parte). *Espaço Ameríndio*, Porto Alegre, v. 16, n. 1, p. 1-46, jan./abr. 2022.

de mosquitos às fases da lua<sup>21</sup> (AFONSO, 2010, p. 64; 2006, p. 49-50; GARCIA et al 2016, p. 21; MOREIRA; MOREIRA, 2020, p. 41).

No TCC intitulado Calendário Cosmológico: os símbolos e as principais constelações na visão guarani<sup>22</sup>, Geraldo Moreira Karai Okenda e Wanderley Cardoso Moreira Karai Yvyju Miri afirmam que *jaxy pyau* (lua nova) é como uma criança. Por isso todos os seres vivos ficam sensíveis. Assim, o tempo muda, chove e há temporais, mas trata-se também de uma lua protetora, recomendável para a semeadura, pois ela evita as pragas.<sup>23</sup> Já na *jaxy endy mbyte* (lua crescente) deve-se evitar tanto o plantio quanto o corte de árvores, pois há risco de se machucar. Na medida em que a lua vai crescendo, chega-se à *jaxy nhepytũ* (lua cheia), momento que o plantio e a fabricação do artesanato são recomendáveis. Por sua vez, a *jaxy mbyte py* (lua minguante) é uma continuidade da lua cheia. Enfim, “o ciclo da lua representa o nascimento e também o amadurecimento”, trata-se de uma fundamental unidade de tempo para essas pessoas (MOREIRA; MOREIRA, 2020, p. 49, 50; DOOLEY, 1998, p. xlviii).

Tratando-se de *Kuaray* (Sol), além de calor e luz para todos os seres na *Yvy Pyau* (segunda terra), os seus raios representam a fecundação da terra e das plantas. Além disso, foi essa divindade que ensinou aos Mbyá a confecção dos cestos, associando-os simbolicamente às mulheres (MOREIRA; MOREIRA, 2020, p. 49; BAPTISTA DA SILVA, 2010, p. 123).

A trajetória aparente anual do sol também tem importância no calendário guarani, dividindo o ano em duas estações: *ara ymã* é o período relativo ao outono e ao inverno – *arapyau* (ou *araguydje*) corresponde à primavera e ao verão. No *arapyau*, ainda, ocorre a renovação do corpo físico e do espiritual na sabedoria. Nas palavras de Moreira e Moreira, “*Arapyau* significa o começo da transformação de um novo ciclo da terra, das plantas e dos seres vivos” (2020, p. 52; AFONSO, 2006, p. 51).

Na perspectiva dos Guarani Geraldo Moreira e Wanderlei Cardoso Moreira, sol e lua compõem o *Apyka Mirim* ou o calendário cosmológico – em suas palavras, “um protótipo da grande organização cosmológica que nos serve como base de orientação e aprendizado” (2020, p. 51). Inclusive, *apyka* se faz presente em todos os seres vivos (que nomeamos de natureza) na *Yvy Pyau*, a terra atual. Nesse caso ainda, pela lógica da mitologia guarani, sol e lua são irmãos, ambos masculinos – o Sol e o Lua – configurando uma gemelaridade.

<sup>21</sup> O escritor sul-riograndense Simões Lopes Neto ao caracterizar o Saci, menciona o seguinte: “era ele que governava as moscas importunas, as mutucas, os mosquitos” (2008, p. 220).

<sup>22</sup> Do curso *Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica*, da Universidade Federal de Santa Catarina, sob a orientação da Prof<sup>a</sup> Helena Alpini Rosa.

<sup>23</sup> “*Não se faz artesanato na Lua Nova, não pode cortar a Taquara, porque caruncha*” (GARCIA et al. 2016, p. 21).

**Figura 4:** Quatro Pontos do Universo

Fonte: Myriam Lucia Candido. Data: 05/02/2010  
In: MOREIRA; MOREIRA, 2020, p. 94

Ou seja, não se trata de pensar sol e lua no céu, outros seres na terra e uma barreira separando os dois mundos. Para os Mbyá-Chiripá, *ambá* é a ligação entre o céu e a terra, o centro de referência dos astros cosmológicos (MOREIRA; MOREIRA, 2020, p. 49). Um exemplo dessa concepção: na relação de *Nhanderu* com um *karai* (xamã ou líder espiritual) na *Yvy Pyau*, caberá a *Tupã* mediar a transmissão do saber da deidade a esse sobrehumano. Nesse caso, a voz de *Nhanderu* é enviada através de uma estrela por telepatia (como em um fone de ouvido). Nas palavras de Moreira e Moreira, “cada ser vivo existente aqui na terra é representado por uma estrela ou constelação no céu. É assim que o mundo se relaciona entre o Sol, a Lua, as estrelas e a natureza” (2020, p. 50). Esse conhecimento está *registrado* nos *nhande rekoram idjipy* (mito), o que significa “início presente e futuro do nosso sistema” (LITAIFF, 2018, p. 95). A seguir, continuarei atendo-me a algumas narrativas da *nhande rekoram idjipy* para, a seguir, trazer a origem de *Jaxy*.

Como mencionado, *Kuaray*<sup>24</sup> e *Jaxy*<sup>25</sup> são irmãos e do domínio masculino. A *nhande rekoram idjipy* dessa relação de gemelaridade é evocada por muitos Guarani. Uma versão dessa narrativa é realizada pelo

<sup>24</sup> Segundo Cadógan, Pa’i Rete Kuaray é “o senhor do corpo resplandecente como o sol [...]. A grande maioria afirma que ele [Pa’i Rete Kuaray] é filho de Ñamandu Ru Ete (Cadogan, 1959, p. 69).

<sup>25</sup> A palavra *jaxy* tem tradução de lua ou mês; *jaxy tatá*, é estrela; e, *jaxy tata ijaty va’e*, constelação (DOOLEY, 1998, p. cxli, cliii, clxviii).

ROSA, Rogério Reus Gonçalves da. Jaxy e Jaxy Jaterê: o ponto de vista Guarani e de outros povos ameríndios sobre a origem da lua, as constelações e o saci-pererê (primeira parte). *Espaço Ameríndio*, Porto Alegre, v. 16, n. 1, p. 1-46, jan./abr. 2022.

Mbyá Marcelo Bitú, e assim apresentada pelo etnólogo Martin César Témpass.

A mãe de *Kuaray* (o futuro Sol), quando grávida, se põe no caminho a procurar o pai de *Kuaray*. De dentro do ventre da mãe, *Kuaray* vai indicando o caminho correto que devia ser seguido. No caminho *Kuaray* pedia para que sua mãe lhe colhesse algumas flores. *Kuaray* era então “criança” e sempre tinha os seus pedidos atendidos. Numa das flores solicitadas havia um zangão que picou sua mãe. Esta ficou irada com *Kuaray*, julgando que a culpa era do filho que havia lhe pedido aquela flor e acabou batendo em sua própria barriga. Então, *Kuaray* parou de indicar o caminho correto que eles deveriam seguir. Tomando o caminho errado eles foram parar na morada dos jaguares. Chegando lá só havia uma jaguar velha em casa, que lhes disse para não ficarem ali para não serem comidos por seus filhos, que logo retornariam. Só que a mãe de *Kuaray* não deu ouvidos à velha e ficou lá. Então voltaram os filhos da velha jaguar e comeram a mãe de *Kuaray*. Estes separaram o feto para que a velha jaguar comesse, mas não conseguiram matar *Kuaray*, mesmo após várias tentativas. Sendo assim, a velha jaguar decidiu criar *Kuaray*. Ele criou o primeiro arco e fez três flechas e passou a caçar para alimentar a velha jaguar, que então ele julgava ser a sua mãe. Aliás, com a caça ele alimentava toda a família dos jaguares. Depois *Kuaray* criou um irmão para ele, o *Jaxy* (futuro Lua). Ambos vão caçar em uma ilha distante, desrespeitando as ordens da jaguar que julgam ser sua mãe. Na ilha tentam matar um papagaio que lhes conta que a jaguar não é a mãe deles, que na verdade a jaguar comeu a sua progenitora. Então *Kuaray* e *Jaxy*, com ajuda do lobo marinho, construíram uma ponte-armadilha. Quando os jaguares estavam atravessando a ponte os dois irmãos a derrubaram, jogando os jaguares na água. Porém, nem todos morreram afogados e o plano dos irmãos de extinguir os jaguares fracassou. Assim, eles decidiram sair de perto dos jaguares procurando seu pai, morador de uma outra comunidade. No caminho os irmãos vão dando os nomes para as plantas e animais, nomeando também os alimentos. Só depois que o Sol e o Lua vão para o céu, partilhando a função de iluminar o mundo. O Sol, mais velho e poderoso, ilumina o dia. O Lua, irmão menor e não tão poderoso quanto o Sol, ilumina a noite. Mas, o Lua, mais fraco, fica cansado e tem que descansar. É por isso que existem as fases “do Lua” (TEMPASS, 2010, p. 109).

Esse mito reforça as aventuras dos irmãos *Kuaray* e *Jaxy* na origem de *Ivy Pyau*, a terra atual. *Kuaray* é o criador de seu irmão menor, o *Jaxy*, o

futuro Lua. No sentido etiológico, destaca-se o trabalho desses heróis míticos na origem e nomenclatura das plantas, dos animais e dos alimentos, além do sentido assimétrico presente nas relações dos personagens.

Nesse sentido, convém destacar a colocação realizada pelo etnólogo Luiz Gustavo Souza Pradella de que as únicas divindades mortais e imperfeitas dos Guarani são *Nhandexy* e *Jaxy* (2009, p. 89). Esse dado será importante para se pensar em *Jaxy Jaterê* e *Saci-Pererê* à frente. Dando continuidade à outra parte da narrativa de *Kuaray* e *Jaxy*, o Mbyá Timóteo Karai Tataendy fez a seguinte menção, em um mito narrado a Aldo Litaiff, em 1996.

Depois os dois irmãos continuaram a caminhar costeando o rio até ver anham pescando. Então o sol disse ao seu irmão: "Eu vou assustar esse anham, mas você fica aqui só olhando". Kuaray mergulhou e foi por baixo d'água até próximo onde anham pescava, puxa a linha fazendo anham cair na água enquanto Jacy observava, rindo muito. Kuaray fez isso três vezes e anham caiu todas as três na água. Quando o Sol estava voltando, Jacy insistiu para também tentar enganar anham, mas Kuaray não permitiu porque ele não confiava no seu irmãozinho, que era muito desajeitado. Mas o irmão menor insiste muito e o Sol acaba permitindo, mas insistindo para que ele puxasse o fio somente com a mão, nunca com a boca. Jacy repetiu a operação duas vezes, mas na terceira, esquecendo o que seu irmão mais velho havia lhe dito, morde o anzol e acaba sendo pescado por anham. Kuaray segue anham e, quando ele estava quase cozinhando Jacy, o Sol chega e diz: "Como é bom te ver comer". E pediu para que ele comesse somente a carne de seu irmãozinho, lhe deixando todos os seus ossos e sua cabeça. Anham obedeceu, Kuaray juntou tudo e em seguida bateu palmas e ressuscitou Jacy (LITAIFF, 2018, p. 67-8).

Acerca da pesca de *Anham*, um evento mal-sucedido para *Jaxy*, pois culmina no seu dilaceramento e morte, obrigando *Kuaray* a ressuscitá-lo a partir da cabeça e do conjunto de seus ossos, o Mbyá Adolfo Vera emite sua opinião:

[...] ainda hoje a Lua aparece no céu e se esconde, pois quase nunca ela está inteira, sempre falta um pedaço dela. Foi Anham quem comeu Jacy, se ele não tivesse comido hoje nós teríamos sempre lua cheia, mas agora é assim. Kuaray aparece sempre porque é trabalhador, mas Jacy é muito preguiçoso (LITAIFF, 2018, p. 112).

Em consonância com a narrativa de Adolfo Vera, a etnóloga Maria Paula Prates escreve o seguinte sobre *Kuaray* e, particularmente, *Jacy*.

No que diz respeito às diferenças entre sol e a lua, o primeiro é sempre evocado como sinônimo de destreza, coragem e discernimento, já o segundo é mostrado às avessas, como atrapalhado, "bagunceiro". Sobre o cotidiano dos seres

celestes, contaram-me: “Tem vezes que Jacy não aparece, ele tá de folga, Jacy é muito preguiçoso. Kuaray perguntou a Jacy se ele queria vir de dia ou de noite, mas Kuaray não confiou que Jacy pudesse fazer o trabalho de trazer as coisas, iluminar todos os dias e por isso decidiu que quem viria de dia seria ele. Kuaray é como um motorista que vai e volta todo dia. Esse é o trabalho dele. Ele não falta nunca. Não pode faltar, caso contrário, a gente morre. Já Jacy tira até férias: é quando a lua desaparece do céu” (2009, p. 90-1).

Para os Mbyá, *Jaxy*, enquanto irmão menor e Lua, possui características inversas às de *Kuaray*, esse primogênito e Sol. Por exemplo, os narradores mencionam que *Jaxy* “não [é] tão poderoso quanto o Sol” (TEMPASS, 2010, p. 109); nem digno de confiança: “ele [Kuaray] não confiava no seu irmãozinho”, “desajeitado” (Timóteo Karai Tataendy); trata-se ainda de um personagem mutilado: “quase nunca ela está inteira, sempre falta um pedaço dela” (Adolfo Vera), também indolente: “não é muito responsável, pois às vezes dormia e não ia trabalhar” (Didjuko, xamã Chiripa da aldeia de Rio Silveira) (LITAIFF, 2018, p. 67, 112, 55).

O ancião mbyá Antônio Inácio Kuaray, afirma de forma meiga, “Jacy não é mau, ele é apenas um pouco maluquinho, um pouco confuso” (LITAIFF, 2018, p. 54). Por outro lado, devido às suas transgressões, *Jaxy* é muitas vezes responsabilizado pelos Guarani pela origem das doenças e mortes<sup>26</sup>, seja pela perversão da aliança – o incesto, relação próxima demais – seja pelo início da periodicidade mensal – reprodução (LÉVI-STRAUSS, 2006, p. 96). Nas palavras de Prates:

Contam os Mbyá-Guarani que Jacy (lua, irmão mais novo de Kuaray/sol), quando ainda vivia no mundo terreno fez sexo com sua tia enquanto ela dormia. Ela o marcou com cera de Jate’i (abelha do mato) para que pudesse ter certeza de quem praticava o ato. É por esse motivo que a lua, quando aparece em sua fase cheia, mostra-se com manchas escuras em sua superfície. Jacy ainda hoje faz sexo com as meninas sem elas perceberem, enquanto dormem (2009, p. 65).

Pode-se dizer que os mitos acima associam três motivos: o incesto praticado pelo *Jaxy* e sua tia; a periodicidade de *Kuaray* e *Jaxy*, definida pela oposição entre Sol trabalhador e Lua preguiçoso; por fim, a cabeça cortada e o corpo despedaçado de *Jaxy* pelo *Anham* após a pescaria. Nesse caso, a mal-sucedida brincadeira de *Jaxy* contra *Anham*, fez que ele parasse no prato desse algoz, restando somente a *Kuaray* pedir que *Anham* se

<sup>26</sup> Em outra versão do mito cuja estrutura está relacionada ao tema da pescaria de Anham, Antônio Vera narra o seguinte a Aldo Litaiff: “Nhamandu retorna à casa dos anham, pega todos os ossos de Nhandecy, junta tudo e diz a Jacy: ‘Não toque em nada pois eu vou ressuscitar nossa mãe’. Nhamandu ressuscita sua mãe, mas Jacy, que estava com muita fome desobedece pulando sobre ela para mamar. Então ela caiu e seu corpo se transformou em osso novamente. Eles fizeram isso três vezes, mas todas as vezes Jacy atrapalha. Como Nhandecy não volta mais, Nhamandu pega seus ossos e coloca numa caixinha de cedro (origem do ‘Culto aos Ossos’)” (LITAIFF, 2018, p. 61).

alimentasse da “carne de seu irmãozinho [*Jaxy*], lhe deixando todos os seus ossos e sua cabeça” (LITAIFF, 2018, p. 68; LÉVI-STRAUSS, 2006, p. 83).

Esse conjunto de narrativas em torno de *Kuaray* e *Jaxy* é denominado pelo Aldo Litaiff de “operadores míticos” e Ciclo dos Irmãos. Trata-se do mito mais evocado por esse coletivo (2018, p. 52). Na mesma direção, Lévi-Strauss menciona que os mitos sobre a origem do sol e da lua são os que possuem a mais vasta difusão no Novo Mundo, de norte a sul do continente, sendo que esse tema se funde a outro, muito importante: o da cabeça cortada. Trata-se da história acima narrada pelo Timóteo Karai Tataendy a Litaiff (LÉVI-STRAUSS, 2006, p. 81; LITAIFF, 2018, p. 52, 68).

Seguindo o modelo analítico destacado por Lévi-Strauss, no livro *A Origem dos Modos à Mesa*, a tripla conexão que reúne os motivos da origem da lua, da união condenável e da cabeça cortada<sup>27</sup>, ela se conecta a outro grupo fechado de mitos, cujas propriedades destacam a relação entre a forma de despedaçamento e a origem de determinadas constelações. Por sua vez, este segundo corpo multidimensional de mitos oportuniza o seguinte recorte: o sociológico (que delimita as categorias de próximo e afastado), o astronômico (que agrupa fenômenos diurnos e noturnos) e o anatômico (que afeta um membro superior ou inferior, a partir do quadril de um personagem) (LÉVI-STRAUSS, 2006, p. 84, 88, 93, 94).

Desse modo, ao se dividir o personagem na altura da cintura em dois, no que diz respeito à parte de cima aparece a disjunção “*cabeça + olhos // vísceras*”, que resulta na origem da constelação Cabeleira de Berenice, da lua e do arco-íris. Para Lévi-Strauss, os olhos são “uma variante metonímica da cabeça” ou “a cabeça em menor escala”. Já relacionado à parte de baixo, surge a disjunção “*coxa + perna // vísceras*”, que engendra as constelações Orion e Plêiades. No mesmo sentido, a perna representa o membro inferior em menor escala (LÉVI-STRAUSS, 2006, p. 94-5).

A partir disso, tomando o conjunto de mitos narrado pelo Guarani e as análises pós-estruturalistas levistraussianas, retomando o tema do Saci, incluindo o recorte anatômico, é possível demonstrar a seguinte relação<sup>28</sup>:

<sup>27</sup> Segundo Lévi-Strauss, “é importante lembrar que os Jivaro, como os Mundurucu [...] eram caçadores de cabeças e que, na falta de cabeças humanas, se contentavam com cabeças de preguiça” (2006, p. 93).

<sup>28</sup> Tratando-se dos ciclos periódicos, enquanto as constelações formam a periodicidade anual e sazonal, marcando a alternância entre chuvas e seca, abundância e escassez, chegada e partida dos peixes, a lua representa a periodicidade curta, manifestando-se de forma cotidiana ou mensal, sem acarretar as transformações do ciclo sazonal. Por sua vez, o sol assume a mediação entre ambas, conciliando o anual como as constelações e o cotidiano como a lua (LÉVI-STRAUSS, 2006, p. 101). Nas palavras de Lévi-Strauss: “Vários mitos amazônicos, tukuna (M405) e mundurucu (M255), colocam o sol e a lua em posição de donos da pesca. Os dois astros desempenham esse papel juntamente com Orion e as Plêiades de um lado e a Cabeleira de Berenice do outro, mas cada uma das equipes o cumpre a seu modo: Orion e as Plêiades são responsáveis pelo *aparecimento* dos peixes, a Cabeleira de Berenice por seu *desaparecimento*, ao passo que o sol e a lua garantem a sua *ressurreição*, que neutraliza a oposição entre os dois primeiros termos” (2006, p. 80).

ROSA, Rogério Reus Gonçalves da. *Jaxy e Jaxy Jaterê: o ponto de vista Guarani e de outros povos ameríndios sobre a origem da lua, as constelações e o saci-pererê (primeira parte)*. *Espaço Ameríndio*, Porto Alegre, v. 16, n. 1, p. 1-46, jan./abr. 2022.

Mito	Disjunção	Origem	Personagem
origem da Lua	“cabeça cortada”	Cabeleira de Berenice, Lua e Arco-Íris	JaxyJaterê, Saci-Pererê, “olhos vazados”, “vista doente”, “olho inquieto”
origem da Lua	“perna cortada”	Órion e Plêiades	Saci de uma perna, pernetá

Esse esquema traduz as minúcias enfatizadas pelos narradores para descrever *Jaxy Jaterê*, seja na vinculação do Saci-Pererê ao tema mítico da cabeça cortada – anatomicamente valorizando a parte de cima da cintura, através das menções aos olhos vivos que tremeluzem brasas ou que expelem fogo, além das vistas doentes – seja do Saci ao tema da perna cortada – à parte de baixo da cintura, ressaltando sua condição pernetá, que coxearia, joelho machucado, além da ausência dos órgãos de evacuação e micção (SCHADEN, 1949, p. 41-2; CHIARADIA, 2008, p. 569; AFONSO, 2004, internet; JEKUPÉ, 2015, p. 28; LÉVI-STRAUSS, 2006, p. 94-5).

Pode-se dizer que em determinados contextos etnográficos tais grupos de mitos configuram, inclusive, a elaboração da identidade étnica dos Guarani. Isto é, no sul do Brasil, a origem dos Mbyá pode estar vinculada a *Kuaray*, devido à conquista do fogo doméstico, já os Chiripa se percebem enquanto filhos de *Jaxy*, o Lua (LITAIFF, 2018, p. 60-2, 133, 147, 129; TEMPASS, 2012, p. 139, 147; PRATES, 2009, p. 74). Nas palavras do Chiripa Alcindo Vera:

Desde o seu nascimento, *Kuaray* já caminhava, mas *Jacy* demora muito a andar. É por isso que hoje as crianças levam muito tempo para andar, pois foi *Jacy* que desobedeceu *Kuaray* e acabou na sopa de Anham. Por causa da cabeça quente de *Jacy* hoje nós temos dor de cabeça, nós somos todos meio malucos e sem-vergonhas como ele. Antes no primeiro mundo, nós éramos todos filhos do Sol, parentes de *Kuaray*. Hoje, nós, Chiripá, não queremos mais plantar nem colher; só queremos viver como os brancos, comprando comida de saquinho no supermercado. A Lua não é como o Sol, que sempre aparece viajando no céu; *Jacy* passa a metade do tempo sem nem aparecer no céu, fica só em casa descansando (LITAIFF, 2018, p. 129-130).

Isto é, o cruzamento do ciclo dos irmãos *Kuaray* e *Jaxy* com o recorte anatômico cabeça cortada, que aparece evidenciado na frase “por causa da cabeça quente de *Jacy* hoje nós temos dor de cabeça” (LITAIFF, 2018, p. 130), orienta as relações de alteridade de Mbyá e Chiripá, inclusive, frente a outros coletivos.

Enfim, tratando-se do vínculo dos Guarani com a constelação Cabeleira de Berenice ou Coma Berenices, nesse momento da pesquisa não tenho dados a respeito. A única informação sobre “cabeleira” a que tive acesso, enunciada na forma de um cometa, foi o parágrafo escrito pelo Germano Afonso e Carlos Aurélio Nadal:

A maior das gravuras de Salto Caxias, PR, tem mais de 2m de comprimento e parece representar um cometa. Ele possui núcleo, cabeleira e cauda sendo, possivelmente, grande e brilhante, como mostra o detalhe da sua cauda encurvada. Assim, pode-se supor que o objetivo principal desse painel fosse registrar a observação de um grande cometa pelos indígenas brasileiros, muito antes da chegada dos europeus. Nesse local, hoje submerso pelas águas da Usina de Salto Caxias, possivelmente foram realizados rituais e rezas, em virtude da aparição do cometa que quebrava a ordem do universo e amedrontava o povo (2014, p. 81-82).

Ainda do ponto de vista da Astronomia, das oitenta e oito constelações modernas, a Cabeleira de Berenice é a única cujo nome advém de uma pessoa histórica. Trata-se da Rainha do Egito de nome Berenice II, que sacrificou os seus longos cabelos à deusa Afrodite para que seu marido Ptolomeu III retornasse são e salvo de uma guerra. As principais estrelas da constelação são Alfa, Beta e Gama Comae Berenices. Juntas, elas formam um meio quadrado, ao longo da diagonal do qual correm as tramas imaginárias de Berenice, formadas pelo Aglomerado de Estrelas Coma.<sup>29</sup> Tratando-se do personagem principal do texto, chama atenção a menção de Francisco Schaden a um Saci de longa cabeleira vermelha que esvoaça quando realiza as suas piruetas (1949, p. 42).

Por sua vez, na relação da lua com o Saci de perna amputada e a origem das constelações Orion e Plêiades, o diálogo dos Guarani com a mitologia e a astronomia cultural reserva informações arrebatadoras. É chegado o momento de se embarcar em um foguete imaginário em direção ao espaço sideral, para se olhar de frente para o Lua, às estrelas e às constelações guarani – *Jaxy, jaxy tatá e jaxy tata ijaty va'e*.

## Constelações e Saci no Céu Guarani

Segundo Germano Afonso, as constelações do Ocidente<sup>30</sup> diferem das constelações tupi-guarani em três aspectos. Primeiro, enquanto as constelações ocidentais estão situadas no caminho designado de eclíptica, por onde aparentemente passa o Sol, e próximo a ele se situam os planetas e a Lua, as constelações tupi-guarani estão situadas na Via Láctea, uma faixa esbranquiçada que atravessa o céu, parte onde as estrelas e as nebulosas aparecem em maior quantidade. Segundo,

<sup>29</sup> Informações obtidas a partir de diálogos com a física astrônoma Daniela Borges Pavani, professora do Departamento de Astronomia do Instituto de Física da UFRGS e Diretora do Planetário da mesma universidade.

<sup>30</sup> Constelações são agrupamentos de estrelas os quais as diferentes culturas formam no céu figuras de pessoas, animais e objetos. Desse modo, cada estrela pertence a uma dada constelação. Segundo Germano Bruno Afonso e Carlos Aurélio Nadal, “embora pareça elementar, ainda é preciso lembrar que o arranjo de estrelas em constelações é totalmente arbitrário. Em geral podemos encontrar um conjunto de estrelas que reproduzam, aproximadamente, uma dada constelação zodiacal” (2013, p. 72).

ROSA, Rogério Reus Gonçalves da. Jaxy e Jaxy Jaterê: o ponto de vista Guarani e de outros povos ameríndios sobre a origem da lua, as constelações e o saci-pererê (primeira parte). *Espaço Ameríndio*, Porto Alegre, v. 16, n. 1, p. 1-46, jan./abr. 2022.

enquanto os desenhos das constelações do Ocidente são realizados pela união de estrelas, as imagens das constelações tupi-guarani são constituídas tanto pela união como pelas manchas claras e escuras da Via Láctea, sendo que há casos de tais manchas formarem a constelação, sem estrelas (caso das constelações *Tapi'i Huguá* e *Coxi Huguá*). Por fim, terceiro, enquanto a União Astronômica Internacional (UAI) utiliza, desde 1929, um total de oitenta e oito constelações<sup>31</sup>, distribuídas nos dois hemisférios terrestres, certos grupos indígenas mostram mais de cem constelações. Além desses aspectos, a astrônoma Flavia Pedroza Lima e o físico Ildeu de Castro Moreira mencionam que uma constelação ameríndia pode corresponder a pedaços de constelações ocidentais, e vice-versa (AFONSO, 2006, p. 52-3; LIMA; MOREIRA, 2005, p. 11).

A partir desses dados, reparando na importância da nebulosa seja como categoria do pensamento mitológico ameríndio, seja através das manchas claras e escuras da Via Láctea, presente na criação das constelações tupi-guarani (LÉVI-STRAUSS, 2004A, p. 20-1; AFONSO, 2006, p. 52-3; LIMA; FIGUEIRÔA, 2010, p. 303), percebe-se que a mitologia e a astronomia cultural estão conectadas de forma inseparável na vida ameríndia.

No livro *Histoire de la Mission de Pères Capucins en l'Isle de Marignan et terres circonvoisins où est traité des singularitez admirables & des moeurs merveilleuses des indiens habitants de ce pais*, escrito pelo Claude d'Abbeville, em 1614, o frade capuchinho afirma que os Tupinambá identificavam cerca de trinta constelações. Sobre a observação do céu, ele informa que essas pessoas conhecem a maioria dos astros e das estrelas do hemisfério aos quais denominam de acordo com sua tradição<sup>32</sup> (LIMA; MOREIRA, 2005; LIMA et al, 2014, p. 107). No texto da astrônoma Flavia Pedroza Lima e colegas:

Graças à descrição de d'Abbeville, dispomos de algumas informações a respeito do que os Tupinambá conheciam sobre a Lua. Distinguiam-lhe as fases, bem como diversas outras coisas a ela relacionadas, como o eclipse

<sup>31</sup> A partir do *software Stellarium* são as seguintes: Andrômeda, Bomba de Ar, Ave do Paraíso, Aquário, Águia, Altar, Áries (Carneiro), Cocheiro, Pastor, Butil de Escultor, Girafa, Câncer (Caranguejo), Cães de Caça, Cão Maior, Cão Menor, Capricórnio (Cabra), Quilha (do Navio), Cassiopéia (mit.), Centauro, Cefeu (mit.), Baleia, Camaleão, Compasso, Pomba, Cabeleira de Berenice, Coroa Austral, Coroa Boreal, Corvo, Taça, Cruzeiro do Sul, Cisne, Delfim, Dourado (Peixe), Dragão, Cabeça de Cavalo, Eridano, Forno, Gêmeos, Grou, Hércules, Relógio, Cobra Fêmea, Cobra Macho, Índio, Lagarto, Leão, Leão Menor, Lebre, Libra (Balança), Lobo, Lince, Lira, Montanha da Mesa, Microscópio, Unicórnio, Mosca, Régua, Octante, Ofiúco (Caçador de Serpentes), Órion (Caçador), Pavão, Pégaso (Cavalo Alado), Perseu (mit.), Fênix, Cavalete do Pintor, Peixes, Peixe Austral, Popa (do Navio), Bússola, Retículo, Flecha, Sagitário, Escorpião, Escultor, Escudo, Serpente, Sextante, Touro, Telescópio, Triângulo, Triângulo Austral, Tucano, Ursa Maior, Ursa Menor, Vela (do Navio), Virgem, Peixe Voador e Raposa (pesquisa realizada em 11 de outubro de 2017).

<sup>32</sup> “A teoria do astrônomo italiano Galileu Galilei (1564-1642), publicada dezoito anos depois do livro de d'Abbeville, falava de uma relação das marés com os movimentos de rotação e translação da Terra, sem considerar a Lua. Só em 1687, setenta e cinco anos após a publicação da obra sobre os capuchinhos no Maranhão, é que o astrônomo inglês Isaac Newton (1643-1727) demonstrou que as marés eram causadas pela atração gravitacional do Sol e, em especial, da Lua sobre a superfície da Terra. Esse é um dos raros casos em que um conhecimento astronômico indígena é publicado antes de ser conhecido e validado pela comunidade científica” (AFONSO, 2010, p. 63).

lunar a que chamavam de *yasseuh pouyton*. Outra observação importante feita por d'Abbeville concerne ao fato de os Tupinambá relacionarem a Lua às marés, demarcando bem as marés que se formam na Lua Cheia e na Lua Nova. Essa observação tem um significado importante, pois, na época em que d'Abbeville escreveu o seu livro, as causas das marés, embora fossem motivo de debates, ainda não tinham sido determinadas [na Europa] (LIMA et al, 2014, p. 108).

Segundo Germano Afonso, os movimentos do sol e da lua e o sofisticado sistema astronômico dos Tupinambá pesquisados por d'Abbeville são homólogos ao atual conhecimento dos Guarani no sul do Brasil, embora sejam povos separados pela língua, pela distância de três mil quilômetros em linha reta no espaço, pelos quatrocentos anos de pesquisa científica no tempo – e, afirmo, pela sucessão do projeto colonial e liberal. Nas palavras desse etnoastrônomo: “As observações do céu que realizamos com os indígenas permitiram localizar a maioria das constelações tupinambá e de diversas outras etnias da família tupi-guarani” (2006, p. 48).

Do ponto de vista ameríndio, Geraldo Moreira e Wanderley Cardoso Moreira escreveram *Calendário Cosmológico: Os Símbolos e as Principais Constelações na Visão dos Guarani*. Enquanto objetivo desse trabalho consta a valorização dos conhecimentos do Sr. Alcindo Whera Moreira, 105 anos de idade, e dona Rosa Mariani Cavalheiro Poty Djá<sup>33</sup>, 98 anos, pais dos autores, além do fortalecimento da educação e da cultura guarani (MOREIRA; MOREIRA, 2020, p. 43). Além desses, nas palavras dos intelectuais ameríndios:

Ainda, entender a organização solar, lunar e as constelações através do movimento da Terra e do Sol com que os antigos mantinham conexão profunda. Compreender os signos da cosmologia Guarani, e assim manter vivo os ensinamentos repassados pelos mais velhos. Usando assim o conhecimento tradicional, baseando-nos na única fonte de referência: *teko* – a oralidade, a cultura, os cantos, a reza e as palavras sagradas. Serão objetivos igualmente para a pesquisa identificar as principais constelações observadas por nós Guarani; descrever os significados destas constelações e da Lua para as atividades cotidianas, perceber a importância da valorização do registro oral e escrito, valorizar a história da cosmologia Guarani, registrar o conhecimento oral antigo através da escrita para as

---

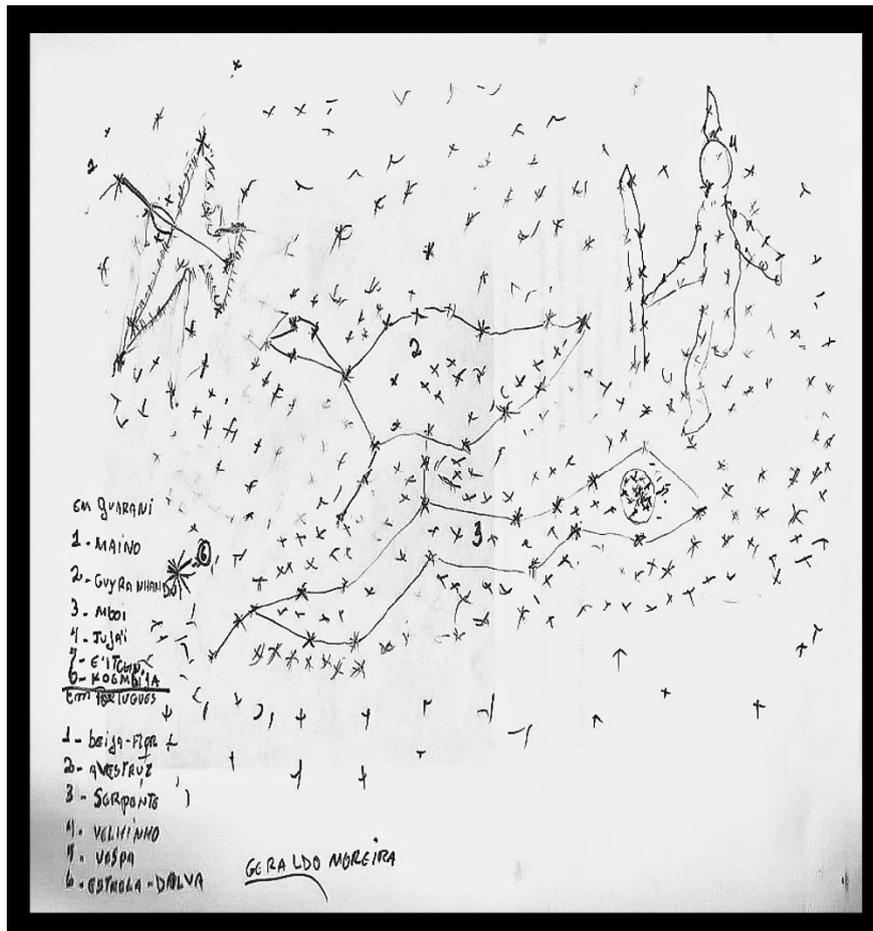
<sup>33</sup> Tratando-se de Alcindo Whera Moreira: “Ele conta muita história do início do mundo, a história do Sol e da Lua, ele fala de como vê o mundo dos mais jovens de hoje e também sobre o conhecimento da cosmologia Guarani. Conta como os Guarani observavam o céu e o tempo, estudando a relação entre as atividades de caça, pesca, coleta e lavoura e as flutuações sazonais do tempo. [Ela, Dona Rosa Mariani Cavalheiro Poty Djá] Também conhecida como a “mulher medicina”, que traz todo o seu conhecimento para o uso no dia a dia na comunidade” (MOREIRA; MOREIRA, 2020, p. 44, 46).

ROSA, Rogério Reus Gonçalves da. Jaxy e Jaxy Jaterê: o ponto de vista Guarani e de outros povos ameríndios sobre a origem da lua, as constelações e o saci-pererê (primeira parte). *Espaço Ameríndio*, Porto Alegre, v. 16, n. 1, p. 1-46, jan./abr. 2022.

gerações futuras e por fim reconhecer a importância dos mais velhos no conhecimento da cultura (MOREIRA; MOREIRA, 2020, p. 43-4).

Unindo os dados acessados para a escrita desse artigo, Germano Afonso e os irmãos Geraldo Moreira e Wanderley Cardoso Moreira identificaram as seguintes constelações: *Mboré Rapé* (Caminho da Anta), *Guaxu Virá* (Veado), *Pypó* (Pegada da Onça), *Guyra Nhandu* (Ema, Avestruz), *Maino'i* (Beija-Flor), *Kuruxu* (Cruz), *Ambará* (Cobra), *Eichu* (Vespa), *Koembidja* (Nhamandu Mirim) e *Tudja'i* (Homem Velho, Ancião) (AFONSO, 2013, p. 1-11; 2006; MOREIRA; MOREIRA, 2020, p. 57-71). A seguir, Além das constelações já mencionadas, Germano Afonso e Carlos Aurélio Nadal apresentam as seguintes: *Tapi'i rainhykã* (Queixada da Anta), *Tapi'i Huguá* (Bebedouro da Anta), *Coxi Huguá* (Bebedouro do Porco do Mato), *Joykexo* (Três Marias), *Nhanderu* (Ñanderú), *Tingaçu* (Pássaro de Bico Grande) e *Arapuca* (Armadilha de pegar passarinho) (AFONSO, 2006, p. 55; AFONSO, 2013, p. 5; AFONSO; NADAL, 2014, p. 58-9). Por conseguinte, o etnólogo Diogo de Oliveira, baseado também no interlocutor Alcindo Verá-Tupã Moreira, compartilha as constelações: *Mborevi Nhakangua* (Bebedouro da Anta), *Tchivi po* (Pata da Onça), *Nhanderuvutchu Vutchu Rokẽ* (Porta de passagem entre a terra e o firmamento), *Kaaru Mbidja* (morada de *Arumbara* Matutina) e *Koẽ Mbidja* (Morada de *Arumbara* Vespertina) (OLIVEIRA, 2009, p. 143-4). Após, Flávia Pedroza Lima e Ildeu de Castro Moreira listam o seguinte quadro, a partir de astros e constelações mencionados por Claude d'Abbeville, além de dados acessados na *tekoá* Paraty Mirim (Rio de Janeiro): *Jaceí-tatá* (Estrela), *Simbiare ra jeiboare* (Maxilar de Cavalo ou Vaca), *Urubu* (Urubu), *Seichu-jurá* (Jirau da abelha), *Tingaçu* (ave Alma-de-gato), *Suanrã* (Vagalume), *Uênhomuã* ou *Guaiamum* (?), *Januare* (Jaguar, Cão), *Jaceí-tatá-uaçu* (Estrela da Manhã), *Pirapaném* (Estrela da Tarde), *Jandai* (ave Jandaia-verdadeira), *Laçatim* (espécie de Pássaro), *Caí* (Macaco), *Potim* (Caranguejo), *Conomy-manipoere-uare* (?), *Eyre Apouã* ou *Irapuá* (espécie de Abelha), *Panacon* (Cesto Comprido), *Tapiti* (Lebre), *Toucon* ou *Tucon* (espécie de Palmeira), *Tatá-endeí* (Fogo Ardente), *Nhaèpucon* (Panela Redonda), *Caraná-uve*, *Eixu* (Favo de Mel), *Tapi'i rapé* (Via Láctea), *Jakare rainhykã* (Queixada de Jacaré), *Aka'e Kora* (Gaiola de Gralha), *Mboikuá* (Buraco de Cobra) e *Kaguare* (Tamanduá) (LIMA; MOREIRA, 2005, p. 6-10). Ao fim, aparece a constelação *Sepé Tiaraju*, presente no pensamento guarani-missionário e popular no sul do Brasil (QUEVEDO, 1996, p. 3; LOPES NETO, 2008, p. 213-219; SAVIANI, 2009, p. 124-132).

Figura 5: Constelação Caminho da Anta



Fonte: Desenho: Geraldo Moreira  
 In: MOREIRA; MOREIRA, 2020, p. 56

Tendo como base tais informações, a seguir, realizarei uma apresentação de cada constelação, a partir dos autores acima mencionados, trazendo alguns dados assinalados pelos mesmos. A ideia é fazer uma reclassificação, considerando o saber sensível vinculado à mitologia e à etnologia ameríndia. Importa dizer que, embora as constelações e os astros tupi-guarani sejam bastantes conhecidos na astronomia cultural, a valorização desse saber ainda é incipiente na etnologia ameríndia contemporânea.

### Divindades Guarani

CONSTELAÇÕES	DESCRIÇÃO / FONTE
<i>Nhanderu</i>	Segundo Germano Afonso: “Os guaranis chamam de <i>Nhanderu</i> a mancha escura que aparece perto da constelação ocidental do Cisne. O Deus Maior Guarani aparece sentado em seu banco sagrado, utilizando seu cocar divino e segurando o Sol e a Lua em suas mãos. Ele anuncia a primavera” (AFONSO, 2006, p. 55).

<b><i>Nhandervutchu Vutchu Rokẽ</i></b>	Trata-se da “‘porta’ de passagem entre a terra e o firmamento, que corresponde possivelmente à estrela <i>Kaus Australis</i> , que está localizada na constelação de Sagitário, próximo ao centro da via-láctea” (OLIVEIRA, 2009, p. 143).
<b><i>Sepé Tiaraju</i></b>	Trata-se da constelação Cruzeiro do Sul. Sepé-Tiaraju é o grande chefe guarani morto pelo império português e espanhol na batalha de Caybaté, em 1756. A “mestiça descendente dos índios missionários” Maria Genórica Alvez narrou na forma de poema esse evento a Simões Lopes Neto. O escritor publicou o mesmo em trinta estrofes no livro <i>Contos Gauchescos e Lendas do Sul</i> , intitulando O Lunar de Sepé (LOPES NETO, 2008, p. 213-219; SAVIANI, 2009, p. 124-132). Segundo o historiador Júlio Quevedo: “Conta-se que Deus Nosso Senhor retirou da testa de Sepé o lunar e o colocou no céu do pampa para ser o guia de todos os gaúchos. Ele é o Cruzeiro do Sul” (1996, p. 3).

### Estrelas e Seres Sagrados

CONSTELAÇÕES ASTROS	DESCRIÇÃO / FONTE
<b><i>Caraná-uve</i></b>	“uma estrela a que chamam caraná-uve” (d’Abbeville <i>apud</i> LIMA; MOREIRA, 2005, p. 10).
<b><i>Conomy-manipoere-uare</i></b>	<i>Curumim-manipuera-guara</i> (Rapaz que come manipuera). “Certa Estrela redonda, muito grande e muito luzente” (d’Abbeville <i>apud</i> LIMA; MOREIRA, 2005, p. 9).
<b><i>Jaceí-tatá</i> Estrelas</b>	“ <i>Jaci-tatá</i> , de <i>Jaci</i> [Lua] e <i>tatá</i> (cintilante): estrela ou estrelas” (comentário de Rodolfo Garcia <i>apud</i> LIMA; MOREIRA, 2005, p. 6).
<b><i>Jaceí-tatá-uaçu</i> Estrela da Manhã</b>	<i>Jaceí-tatá</i> de <i>Jaci</i> (Lua) e <i>guaçu</i> (Grande). “Conhecem também a estrela da manhã e chamam-na jaceí-tatá-uaçu, grande estrela” (d’Abbeville <i>apud</i> LIMA; MOREIRA, 2005, p. 8).
<b><i>Joykexo</i> Três Marias</b>	Corresponde a Cinturão de Orion. Segundo Germano Afonso: “Joykexo representa uma linda mulher, símbolo da fertilidade, servindo como orientação geográfica, pois essa constelação nasce no ponto cardeal leste e se põe no ponto cardeal oeste. Joykexo também representa o caminho dos mortos.” (AFONSO, 2013, p. 5; LIMA; MOREIRA, 2005, p. 17).
<b><i>Kaaru Mbidja</i> Morada de Arumbara matutina</b>	Constelação relacionada à Vênus (OLIVEIRA, 2009, p. 144).
<b><i>Koẽ Mbidja</i> Morada de Arumbara Vespertina</b>	Constelação relacionada à Vênus (OLIVEIRA, 2009, p. 144).
<b><i>Koembidja</i> (<i>Nhamandu</i> <i>Mirim</i>)</b>	Trata-se da estrela da manhã, conhecida como o planeta Vênus, é a companheira de caminhada do Sol (MOREIRA; MOREIRA, 2020, p. 71).
<b><i>Pirapaném</i> Estrela da Tarde</b>	Dão à Estrela Vespertina o nome de pirapaném e dizem que é quem guia a Lua e lhe vai à frente (d’Abbeville <i>apud</i> LIMA; MOREIRA, 2005, p. 8).

<b>Tapi'i rapé</b> <b>Tapir</b>	Corresponde à Via Láctea (LIMA; MOREIRA, 2005, p. 17). Constelação ligada ao Caminho da Anta, que representa também o “nosso <i>Caminho da Vida</i> ” (MOREIRA; MOREIRA, 2020, p. 57).
<b>Toró</b> <b>Búfalo</b>	Constelação ligada ao Caminho da Anta, que representa também o “nosso <i>Caminho da Vida</i> ” (MOREIRA; MOREIRA, 2020, p. 57).
<b>Uènhomuã /</b> <b>Guaïamum</b>	“Constelação de várias estrelas que denominam uènhomuã, isto é, lagostim; aparece ao terminarem as chuvas” (d’Abbeville <i>apud</i> LIMA; MOREIRA, 2005, p. 7).

### Bichinhos Guarani no Céu

CONSTELAÇÕES	DESCRIÇÃO / FONTE
<b>Ambará</b> <b>ou</b> <b>Mbo’i</b> <b>Cobra</b>	Conforme uma das versões da mitologia guarani, trata-se da Mãe de <i>Kuaray</i> (Sol) e do <i>Jacy</i> (Lua), sendo através de um beijo de <i>Nhanderu</i> que ela engravidou do Sol. Tendo sido chamado atenção de <i>Tawyterã</i> quanto à forma de gerar descendência, <i>Nhanderu</i> teve a seguir uma relação sexual com <i>Ambará</i> , e ela engravidou de <i>Jaxy</i> . Depois disso, <i>Nhanderu</i> deixa <i>Ambará</i> na terra. Esta constelação é parte da de Escorpião (MOREIRA; MOREIRA, 2020, p. 69-70; LITAIFF, 2018, p. 60-2). Constelação ligada ao Caminho da Anta, que representa também o “nosso <i>Caminho da Vida</i> ” (MOREIRA; MOREIRA, 2020, p. 57). Segundo Baptista da Silva: “A serpente tem papel de destaque na ecologia simbólica deste povo. Conforme as narrativas mitológicas, foi através de suas ações que o eixo da terra se firmou e o plano material, terreno, se estabeleceu. Sua performance é considerada fundamental para a sustentação da terra através das cinco palmeiras sagradas (pindóovy), que espacialmente estão dispostas de forma a marcar os “quatro cantos do mundo” ou as “moradas sagradas” de divindades guarani, estando uma palmeira posicionada no centro” (2010, p. 124).
<b>Apykaxu</b> <b>Pomba</b>	Constelação ligada ao Caminho da Anta, que representa também o “nosso <i>Caminho da Vida</i> ” (MOREIRA; MOREIRA, 2020, p. 57).
<b>Cai</b> <b>Macaco</b>	“Constelação formada de muitas estrelas parecida com um macaco” (d’Abbeville <i>apud</i> LIMA; MOREIRA, 2005, p. 8).
<b>Eichu</b> <b>Vespa</b> <b>“ninho de</b> <b>abelhas”</b> <b>Abelha Mestra</b>	Trata-se de um aglomerado de estrelas jovens, azuis, que se localizam em Touro. Sendo os olhos da Queixada da Anta, do Veado e do Avestruz, essa constelação é como uma “família”, um portal que conduz a outras dimensões. No Ocidente ela é reconhecida como as Plêiades, “como as sete estrelas ou as sete irmãs” (AFONSO, 2006, p. 53-4; MOREIRA; MOREIRA, 2020, p. 70-1). Segundo Oliveira, <i>Eitchu</i> , o vespeiro, está ligada à constelação ocidental de Touro (2009, p. 143). Claude d’Abbeville escreveu Seichu: “Começa a ser vista, em seu hemisfério, em meados de janeiro, e mal a enxergam afirmam que as chuvas vão chegar, como chegam efetivamente pouco depois”. Rodolfo Garcia comenta: “Eichu, a Abelha mestra, de ei-hub [...]. Por essa dicção se vê a comunidade de idéias entre os tupis do Norte e seus parentes do Sul, que também davam o nome de Eichu à constelação das Plêiades ou Setestrela” ( <i>apud</i> LIMA; MOREIRA, 2005, p. 7, 16). Constelação ligada ao Caminho da Anta, que representa também o “nosso <i>Caminho da Vida</i> ” (MOREIRA; MOREIRA, 2020, p. 57).

<b>Eyre Apouã</b>	<i>Irapuá ou Arapuá</i> (espécie de abelha). “Éire Apuá, mel redondo, é uma estrela grande, redonda, brilhante e bonita” (d’Abbeville <i>apud</i> LIMA; MOREIRA, 2005, p. 9).
<b>Guaxu Virá / GuaxuPuku Veado</b>	Está situada na região da constelação ocidental Cruzeiro do Sul e Vela, sendo que sua formação também utiliza estrelas da Carina e Centauro. O veado trata-se de um animal sagrado para os Guarani, pois coube a ele transportar <i>Nhanderu</i> em seus chifres. Na segunda quinzena de março, o Veado surge ao anoitecer à Leste, indicando a transição do calor para o frio (MOREIRA; MOREIRA, 2020, p. 57, 67; AFONSO, 2013, p. 8; LIMA; MOREIRA, 2005, p. 17). O veado também é sagrado para os Jê. Trata-se do animal que origina tanto os Bororo como os Kaingang, através dos personagens mitológicos Pobógo e Kãme, respectivamente (CRÉPEAU, 1997B, p. 60).
<b>Guyra Nhandu Ema, Avestruz</b>	Ema é outro animal sagrado, a maior de todas as aves, um animal mestre. No céu, ela se situa na região das constelações Cruzeiro do Sul, Mosca, Centauro, Escorpião, Triângulo Austral e Altar. De formação mista, ou seja, pelas manchas da Via Láctea e por estrelas, a sua cabeça é imaginada pela nebulosa escura que fica próxima à estrela Magalhães, da mesma forma que sua plumagem é visualizada pelas manchas claras e escuras da Via Láctea e, por fim, uma das pernas pelas estrelas da cauda de Escorpião. Ainda em sua imagem de avestruz, as estrelas Alfa Centauro e Beta Centauro são como dois ovos de pássaros que se encontram em seu pescoço. Na segunda quinzena de junho, a leste, essa constelação aparece em sua totalidade, revelando para os índios no sul do Brasil o início do inverno (AFONSO, 2006, p. 54; MOREIRA; MOREIRA, 2020, p. 68; LIMA; MOREIRA, 2005, p. 15; LIMA et al, 2014, p. 120). Ave de grande porte. Claude d’Abbeville escreveu Yandoutin. “Conhecem uma constelação denominada Iandutim, ou Avestruz branca, formada de estrelas muito grandes e brilhantes, algumas das quais representam um bico; dizem os maranhenses que elas procuram devorar duas outras estrelas que lhes estão juntas e às quais denominam uirá-upiá, isto é: os dois ovos” ( <i>apud</i> LIMA; MOREIRA, 2005, p. 9, 15, 17; LIMA et al, 2014, p. 120). Constelação ligada ao Caminho da Anta, que representa também o “nosso <i>Caminho da Vida</i> ” (MOREIRA; MOREIRA, 2020, p. 57). Claude D’Abbeville “chamou de Avestruz Branca a constelação da Ema, no entanto, a avestruz ( <i>Struthio Camelus Australis</i> ) não é uma ave brasileira. A emma parece com a avestruz, mas é menor e de família diferente” (AFONSO 2013, p. 2-4).
<b>Jaixa Paca</b>	Constelação ligada ao Caminho da Anta, que representa também o “nosso <i>Caminho da Vida</i> ” (MOREIRA; MOREIRA, 2020, p. 57).
<b>Jandai ave Jandaia- verdadeira</b>	“Há uma estrela que se levanta depois do Sol posto; como é muito vermelha dão-lhe o nome de Jandai, derivado de um pássaro assim chamado” (d’Abbeville <i>apud</i> LIMA; MOREIRA, 2005, p. 8).
<b>Januare Jaguar, Cão</b>	“A certa estrela chamam os índios januare, cão. É muito vermelha e acompanha a Lua de perto. Dizem, ao verem a Lua deitar-se, que a estrela late ao seu enalço como um cão, para devorá-la” (d’Abbeville <i>apud</i> LIMA; MOREIRA, 2005, p. 7).
<b>Kaguare Tamanduá</b>	(LIMA; MOREIRA, 2005, p. 17).
<b>Laçatim</b>	“Constelação de sete estrelas que tem a forma de um pássaro e a que chamam iaçatim” (d’Abbeville <i>apud</i> LIMA; MOREIRA, 2005, p. 8).

<b>Maino'i</b> <b>Beija-Flor,</b> <b>Colibri</b>	O Beija-Flor trata-se de outro animal sagrado, simbolizando a origem do mundo. Ele foi o primeiro pássaro criado pela divindade <i>Nhanderu</i> . Essa constelação é concebida pelas estrelas Albírio, Cisne, Deneb, Gianah, Sadr e Cruz do Norte. Segundo Moreira; Moreira, “É um pássaro veloz e mensageiro que pode levar as mensagens para o mundo celestial” (2020, p. 69; CADOGAN, 1959, p. 13-15).
<b>Mboré</b> <b>Anta</b>	Constelação ligada ao Caminho da Anta, que representa também o “nosso <i>Caminho da Vida</i> ” (MOREIRA; MOREIRA, 2020, p. 57).
<b>Potim</b> <b>Caranguejo</b>	“A outra chamam Potim, caranguejo, por ter a forma desse animal” (d’Abbeville <i>apud</i> LIMA; MOREIRA, 2005, p. 8).
<b>Suanrã</b> <b>Pirilampo,</b> <b>Vagalume</b>	“É a estrela Sirius, a mais clara e resplandescente do firmamento” (Comentário de Rodolfo Garcia <i>apud</i> LIMA; MOREIRA, 2005, p. 7).
<b>Tapiti</b> <b>Lebre</b>	“Formada por muitas estrelas à semelhança de uma lebre e por outras em forma de orelhas compridas, em cima da cabeça” (d’Abbeville <i>apud</i> LIMA; MOREIRA, 2005, p. 10).
<b>Taytetu</b> <b>Javali</b>	Constelação ligada ao Caminho da Anta, que representa também o “nosso <i>Caminho da Vida</i> ” (MOREIRA; MOREIRA, 2020, p. 57).
<b>Tinguacu</b> <b>Pássaro de</b> <b>Bico Grande</b>	Segundo os Tupinambá pesquisados pelo Claude d’Abbeville, anuncia o aparecimento das Plêiades (AFONSO; NADAL, 2014, p. 58)
<b>Tingaçu</b> <b>ave</b> <b>Alma-de-gato</b>	“[estrela] Mensageira da [ <i>Seichu/Eichu</i> ] aparecendo no horizonte quase sempre quinze dias antes”. Ave da família das Cocúlidas ( <i>Piayacayana</i> , Linn). De ti (bico), açu (grande)” (d’Abbeville, 1614. Comentário de Rodolfo Garcia <i>apud</i> LIMA; MOREIRA, 2005, p. 7).
<b>Urubu</b> <b>Urubu</b>	“tem a forma de um coração e aparece no tempo das chuvas”. Faz derivar de uru (ave, galinácio em geral) e bu (negro); pode admitir-se outra que o derive de uru, como acima, e u (voraz, o corvo) (d’Abbeville, Comentário Rodolfo Garcia <i>apud</i> LIMA; MOREIRA, 2005, p. 6).

### Bichinhos, Seus Corpos e Territórios

CONSTELAÇÕES	DESCRIÇÃO / FONTE
<b>Coxi Huguá</b> <b>Bebedouro</b> <b>do Porco</b> <b>do Mato</b>	Corresponde à Pequena Nuvem de Magalhães. Trata-se de uma constelação formada pelas manchas – a nebulosa – na Via Láctea, sem estrelas (AFONSO, 2006, p. 52-3).
<b>Eixu</b> <b>Favo de Mel</b>	Corresponde às Plêiades (LIMA; MOREIRA, 2005, p. 17).
<b>Jakare</b> <b>rainhykã</b> <b>Queixada</b> <b>de Jacaré</b>	“Uma constelação mista formada por três estrelas e o fundo escuro do céu” (LIMA; MOREIRA, 2005, p. 17).

<b>Mboré Rapé</b> <b>Caminho da Anta</b>	<i>Nhanderu</i> construiu o caminho da anta para que todos os animais da terra estivessem replicados no céu. Essa constelação é conhecida no Ocidente como a Via Láctea. No período entre final de julho e agosto, quando ocorre o alinhamento entre Sol, Terra e a própria constelação, momento esse chamado de <i>Aragudje Pyau</i> , ela se torna mais visível (MOREIRA; MOREIRA, 2020, p. 57; AFONSO, 2013, p. 1, 8-9; OLIVEIRA, 2009, p. 143; CADOGAN, 1959, p. 34). “Tudo o que seria o nosso costume o futuro foi deixado registrado no <i>Caminho da Anta</i> pelo nosso Pai Criador. Foi deixado como um mapa, um ensinamento, para que tenhamos na mente e no coração como devemos caminhar, a nossa missão pela Terra, como repassar o conhecimento para as futuras gerações, e como receber a sabedoria através das estrelas” (MOREIRA; MOREIRA, 2020, p. 57).
<b>Mboikuá</b> <b>Buraco de Cobra</b>	(LIMA; MOREIRA, 2005, p. 17).
<b>Mborevi</b> <b>Nhakangua</b> <b>Bebedouro da Anta</b>	Corresponde à Grande Nuvem de Magalhães, pequena galáxia que gira ao redor da Via Láctea (OLIVEIRA, 2009, p. 143).
<b>Pypó</b> <b>Pegada da Onça</b>	Trata-se de outra criação de <i>Nhanderu</i> para ela existir nas matas e no céu. Essa constelação é conhecida como Via Láctea. O sentimento dessa divindade foi que “a marca de sua pata ficasse para sempre nas estrelas”. Assim, o poder da onça está em seu uivo (MOREIRA; MOREIRA, 2020, p. 68).
<b>Seichu-jurá</b> <b>Jirau da abelha</b>	“É uma constelação de nove estrelas dispostas em forma de grelha e anuncia a chuva” (d’Abbeville <i>apud</i> LIMA; MOREIRA, 2005, p. 6).
<b>Simbiare ra</b> <b>jeiboare</b> <b>Maxilar</b>	“Trata-se de uma constelação que tem a forma dos maxilares de um cavalo ou de uma vaca. Anuncia a chuva” (d’Abbeville <i>apud</i> LIMA; MOREIRA, 2005, p. 6).
<b>Tapi’i Huguá</b> <b>Bebedouro da Anta</b>	Corresponde a Grande Nuvem de Magalhães. Trata-se de uma constelação formada pelas manchas – a nebulosa – na Via Láctea, sem estrelas (AFONSO, 2006, p. 52-3).
<b>Tapi’i rainhykã</b> <b>Queixada da Anta</b>	Segundo os Tupinambá pesquisados pelo Claude d’Abbeville (1614), corresponde a Hyades, incluindo Aldebaran. Indica que as chuvas estão chegando (AFONSO, 2013, p. 5; LIMA; MOREIRA, 2005, p. 17; DOOLEY, 1998, p. cv).
<b>Tchivi po</b> <b>Pata da Onça</b>	Formada pela estrela Deneb, “a mais brilhante da constelação do Cisne (Cygnus)” (OLIVEIRA, 2009, p. 143).

### Plantas Celestiais

CONSTELAÇÕES	DESCRIÇÃO / FONTE
<b>Toucon / Tucon</b>	“Tucon é o nome de outra Estrela que se assemelha ao fruto do toucon-ive, espécie de palmeira” (d’Abbeville <i>apud</i> LIMA; MOREIRA, 2005, p. 10).

### Objetos e Elementos

CONSTELAÇÕES	DESCRIÇÃO / FONTE
<i>Arapuca</i>	Armadilha de pegar passarinho (AFONSO; NADAL, 2014, p. 58-9)
<i>Aka'eKora</i> <b>Gaiola de Gralha</b>	(LIMA; MOREIRA, 2005, p. 17).
<i>Kuruxu</i> <b>Cruz</b>	Essa constelação é pensada a partir de quatro estrelas – Magalhães, Mimosa, Rubídea e Pálida – situadas em plena Via Láctea, cujo conjunto indica o caminho da anta. Trata-se da bússola da noite, conhecida como Cruzeiro do Sul. Nas palavras de Afonso, “a posição da constelação do Cruzeiro do Sul é utilizada pelos tupis-guaranis para determinar os pontos cardeais, o intervalo de tempo transcorrido durante a noite e as estações do ano” (2006, p. 53; MOREIRA; MOREIRA, 2020, p. 69). Claude D'Abbeville nomeou Criça. A respeito disso, comentário de Rodolfo Garcia: “Curuçá, no tupi; Curuzu, no guarani; alteração do vocábulo português e espanhol cruz. É a constelação do Cruzeiro do Sul, que se designava com o nome Cruz antigamente” ( <i>apud</i> LIMA; MOREIRA, 2005, p. 8, 17).
<i>Nhaèpucon</i> <b>Panela Redonda</b>	“Uma constelação parecida com uma frigideira redonda dão o nome de nhaèpucon” (d'Abbeville <i>apud</i> LIMA; MOREIRA, 2005, p. 10).
<i>Panacon</i> <b>Cesto Comprido</b>	“Constelação com a forma de um cesto comprido a que chamam panacon” (d'Abbeville <i>apud</i> LIMA; MOREIRA, 2005, p. 10).
<i>Tatá-endeí</i> <b>Fogo Ardente</b>	“Outra grande estrela brilhante” (d'Abbeville <i>apud</i> LIMA; MOREIRA, 2005, p. 10).

### Pessoa Guarani

CONSTELAÇÃO	DESCRIÇÃO / FONTE
<i>Tudja'i</i> <b>Homem Velho, Ancião</b>	Trata-se do guardião, o espírito dono de todas as constelações presentes no Caminho da Anta – <i>mboré</i> (anta), <i>taytetu</i> (javali), <i>jaixa</i> (paca), <i>guaxu</i> (veado), <i>apykaxu</i> (pomba), <i>guyra nhandu</i> (avestruz), <i>eixu</i> (vespa), <i>mboi</i> (cobra), <i>Tapi'i rape</i> (tapir) e <i>toró</i> (búfalo). Em relação ao Ocidente, ela é formada pelas constelações de Touro e Órion. No calendário cosmológico guarani, <i>Tudja'i</i> se mostra na segunda quinzena de dezembro, a leste, delineando o início do verão e calor no sul do Brasil (MOREIRA; MOREIRA, 2020, p. 68; AFONSO, 2013, p. 1, 5; AFONSO, 2006, p. 54-5). Claude d'Abbeville escreveu <i>Tuyvaé</i> : ela é composta de várias estrelas dispostas de maneira que um velho homem toma um bastão pela mão ( <i>apud</i> LIMA; MOREIRA, 2005, p. 9).

A partir da sofisticação, densidade e sensibilidade desse saber (tupi-guarani, cabe ressaltar dois aspectos. Primeiro, a importância do casal Alcindo Whera Moreira e Rosa Mariani Cavalheiro Poty Djá, além de outros mestres, na transmissão desse conhecimento aos Guarani e aos

pesquisadores (MOREIRA; MOREIRA, 2020; OLIVEIRA, 2009). Segundo, em conexão com a astronomia cultural e a etnologia ameríndia, a importância da frase de Alcindo Whera a Diogo: “Tudo que existe aqui é porque está lá também, que o que está lá em cima [céu] é como o que está aqui embaixo, ‘só que diferente’” (OLIVEIRA, 2009, p. 142). A partir desse princípio, cabe a pergunta: onde está o Saci no conjunto das constelações recém apresentadas?

Para responder a questão, novos dados fornecidos pela astronomia cultural, além das ferramentas teóricas da mitologia são necessários. Para isso, nosso foguete imaginário descerá na constelação *Tudja’i*, pertencente ao último quadro. Em relação ao corpo do Homem Velho, alguns detalhes chamam atenção, repare: a estrela Bellatrix desenha a sua virilha; as estrelas Mintaka, Alnilam e Alnitak, que formam o Cinturão de Órion (Três Marias), desenham o joelho da perna sadia; a estrela Saiph, o pé da mesma perna; por sua vez, a estrela vermelha Beltegeuse representa o lugar em que sua perna foi cortada. As estrelas do escudo de Órion são o seu braço esquerdo, em sua mão direita ele segura um bastão. A cabeça de *Tudja’i* é formada pelo aglomerado estelar Híliades, onde se encontra a estrela Aldebaran, a mais brilhante da constelação de Touro, de cor avermelhada. Amarrado à sua cabeça ainda, um penacho formado pelo aglomerado estelar das Plêiades (AFONSO, 2006, p. 55; AFONSO, 2013, p. 5; MOREIRA; MOREIRA, 2020, p. 68). Eis as imagens de *Tudja’i*, em detalhe:

**Figura 6: Constelação *Tudja’i* (1)**



Fonte: MOREIRA; MOREIRA, 2020, p. 56

**Figura 7: Constelação *Tudja'i* (2)**

Fonte: Imagem Internet<sup>34</sup>

Diante deste céu, olhando de frente para *Tudja'i* – com seu bastão em uma mão, a touca em sua cabeça onde se destaca a brilhante e avermelhada Aldebaran, além da ausência de uma perna – é impossível não lembrar do Saci pernetá, narrado pelo Rui Sérgio Ferreira, Nhô Vadô Rodrigues, Francisco Schaden e Clovis Chiaradia, entre outros. Como é possível que *Tudja'i* e Saci se pareçam tanto?

Uma das explicações é que, na perspectiva da mitologia, tanto o primeiro pernetá no céu como o segundo na Terra estão na ordem da gemelaridade. Mas, enquanto *Tudja'i* se mostra um ancião guarani e “pessoa de respeito”<sup>35</sup>, dono de todas as constelações presentes no

<sup>34</sup>

Disponível

em:

<https://www.google.com.br/search?q=constela%C3%A7%C3%A3o+homem+velho+nome+das+estrelas&hl=pt->

BR&authuser=0&tbm=isch&sxsrf=ALeKk01H5iIguCSWtN34eBTdLRFCAbZqzA%3A1619026087413&source=hp&biw=1366&bih=657&ei=p2CAYPnVFtbC5OUPkbOFkA4&oq=constela%C3%A7%C3%A3o+homem&gs\_lcp=CgNpbWcQARgAMgIIADIGCAAQCBAeOgQIIxAnOggIABCxAxCDAToFCAAQsQNQ5HhYu60BYKa\_AWgAcAB4AIAbswGIAeQTKgEEMC4xN5gBAKABAaoBC2d3cy13aXotaWln&scclient=img#imgrc=LsV115vOVNGVDM&imgdii=opquMjtS7jHYyM (Acesso em: 20 nov. 2021).

<sup>35</sup> A pessoa anciã é muito respeitada tanto pela sua família como pelo coletivo, haja vista seus conhecimentos, em especial, sobre plantas medicinais, divindades e temas ligados ao céu. Nas palavras de Daciene de Paula Oliveira, “A participação dos idosos na tomada de decisões é uma condição para ROSA, Rogério Reus Gonçalves da. Jaxy e Jaxy Jaterê: o ponto de vista Guarani e de outros povos ameríndios sobre a origem da lua, as constelações e o saci-pererê (primeira parte). *Espaço Ameríndio*, Porto Alegre, v. 16, n. 1, p. 1-46, jan./abr. 2022.

Caminho da Anta – o Saci se apresenta como uma criança de cor negra ou branca, peralta ou protetora dos animais e das plantas (SCHADEN, 1974, p. 157; JEKUPÉ, 2002, p. 33). Ou seja, nesse caso, *Tudja'i* e Saci são gêmeos, simétricos inversos e pertencentes à disjunção ligada a “*coxa + perna*”. Enfim, *Tudja'i* e Saci têm as mesmas qualidades, porém, sob determinados aspectos, com polaridades invertidas.

Há que se registrar como é emocionante perceber e constatar a presença de um Saci – com nome de *Tudja'i* – no céu, demonstrando assim o quanto os saberes dos Chiripá Alcindo Whera Moreira e Rosa Mariani Poty Djá, da mitologia e da astronomia cultural estão em consonância. Enfim, por um efeito de reversão, um dos princípios da mitologia, o retorno do Saci tanto negrinho como de pele “bronzeadas como a dos índios” pela constelação tupinambá e guarani de nome *Tudja'i* será aprofundado no tópico *O Saci-Pererê Afroindígena*, no próximo número da Revista Espaço Ameríndio (JEKUPÉ, 2002; WATTS-POWLESS, 2017, p. 261, 268).

Aliás, na segunda parte do artigo os objetivos serão: destacar a importância do Saci e dos personagens pernetas que se fazem presentes em diversos povos ameríndios, além dos motivos do corte da sua perna. Após, considerando a lógica dos Mbyá-Chiripa em torno da categoria *já* (dono), mostrar as relações de poder entre as divindades *Nanderú*, *Tupã kuéry*, *Karái*, *Kuaray*, *Jaxy*, Curupira e Saci com as plantas, os animais e as pessoas. Por último, apresentar algumas conexões do Saci com a categoria afroindígena. A ideia é dar continuidade aos saberes transmitidos pelos interlocutores afro-americanos e ameríndios, a partir da ênfase da mitologia, da etnologia ameríndia e da astronomia cultural.

## Crédito

Dia 26 de agosto, o etnoastrônomo Germano Bruno Afonso faleceu, vítima de COVID-19. Eu soube da morte de Afonso em 11 de janeiro de 2022, durante o levantamento das referências bibliográficas na *internet*. Foi um duro golpe! No meu horizonte, intencionava conversar com ele sobre o Saci. Germano deixa um legado científico imprescindível sobre as constelações tupi-guarani.

---

promover decisões justas, pois os indígenas *Mbyá-Guarani* consideram a experiência livre de vaidades e disputas, assim os mais velhos são vistos como sábios e capazes de tomar decisões mais harmoniosas e assertivas” (OLIVEIRA, 2021, p. 138; SEÁRA; JESUS, 2016, p. 218-9).

ROSA, Rogério Reus Gonçalves da. *Jaxy e Jaxy Jaterê: o ponto de vista Guarani e de outros povos ameríndios sobre a origem da lua, as constelações e o saci-pererê (primeira parte)*. Espaço Ameríndio, Porto Alegre, v. 16, n. 1, p. 1-46, jan./abr. 2022.

## Referências bibliográficas

AFONSO, Germano Bruno. Impressionante Astronomia dos Índios Brasileiros. **A Nova Democracia**, São Paulo, a. III, n. 18, mai. 2004. Disponível em: <https://anovademocracia.com.br/no-18/835-a-impresionante-astronomia-dos-indios-brasileiros> . Acesso em 07 jul. 2016.

AFONSO, Germano Bruno. Mitos e Estações no Céu Tupi-Guarani. **Scientific American Brasil**, v. 14, p. 46-55, 2006. Disponível em: <https://sciam.com.br/mitos-e-estacoes-no-ceu-tupi-guarani/> . Acesso em 07 jul. 2016.

AFONSO, Germano Bruno. Astronomia Indígena. In: **Revista de História**, v. 1, 2010, p. 62-65.

AFONSO, Germano Bruno. Internet. **As Constelações Indígenas Brasileiras. 2013. In: Telescópios na Escola**. Rio de Janeiro, p. 1-11. Disponível em: <http://telescopiosnaescola.pro.br/indigenas.pdf> . Acesso em 15 mar. 2017.

AFONSO, Germano Bruno; NADAL, Carlos Aurélio. 2014. Arqueoastronomia no Brasil. In: MATSUURA, Oscar T. (Org.). **História da Astronomia no Brasil**. Recife: Companhia Editora de Pernambuco (CEPE), 2013, p. 50-85.

ASSIS, Valéria Soares de. Dádiva, Mercadoria e Pessoa: As trocas na constituição do mundo social Mbyá-Guarani. 2006. 326p. **Tese** (Doutorado em Antropologia) – PPGAS, UFRGS, Porto Alegre, RS, 2006.

BAPTISTA DA SILVA, Sergio. Iconografia e ecologia simbólica: retratando o cosmos guarani. IN: PROUS, André; LIMA, Tania Andrade. (Org.). **Os ceramistas Tupiguarani: eixos temáticos**. Belo Horizonte: Superintendência do IPHAN em Minas Gerais, 2010, p. 115-148.

BENITES ARA RETE, Sandra. *Nhe', reko, porã rã, nhemboea oexakar*: fundamento da pessoa guarani, nosso bem-estar futuro, a educação tradicional e o olhar distorcido da escola. In: ZEA, Evelyn Schuler; DARELLA, Maria Dorothea Post; MACHADO, Juliana Salles (Org.). **Guarani**. Florianópolis: Edições do Bosque/UFSC/CFH/NUPPE, 2020, p. 244-297.

CADOGAN, León. **Ayvu Rapyta**. Textos míticos de los Mbyá-Guaraní del Guairá. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1959.

CARDOSO, Walmir Thomazi; HÓ, Seribhi. O Céu dos Tukano na Escola Yupuri. Construindo um calendário dinâmico. 2007. 390f. **Tese** (Doutorado em Educação Matemática) – PEPGEM, PUC, São Paulo, SP, 2007.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Geografia dos Mitos Brasileiros**. São Paulo: Global, 2002.

CHIARADIA, Clóvis. **Dicionário de Palavras Brasileiras de Origem Indígena**. São Paulo: Editora Limiar, 2008, pg. 569.

ROSA, Rogério Reus Gonçalves da. Jaxy e Jaxy Jaterê: o ponto de vista Guarani e de outros povos ameríndios sobre a origem da lua, as constelações e o saci-pererê (primeira parte). **Espaço Ameríndio**, Porto Alegre, v. 16, n. 1, p. 1-46, jan./abr. 2022.

CICCARONE, Celeste. Drama e Sensibilidade. Migração, Xamanismo e Mulheres Mbya Guarani. 2001, 468f. **Tese** (Doutorado em Ciências Sociais) – PEPG, PUC, São Paulo, SP, 2001.

CONTRERAS, Carlos. Anthropologica del Departamento de Ciencias Sociales. **Anthropologica**, San Miguel, Peru, v. XXV, n. 25, p. 191-193, dec. 2007.

CRÉPEAU, Robert R. Mito e ritual entre os índios Kaingang do Brasil meridional. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 3, n. 6, p. 173-186, out. 1997A. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-71831997000200009> . Acesso em: 10 jan. 2022.

CRÉPEAU, Robert R. Les Kaingang dans le Contexte des Études Gé et Bororo. **Anthropologie et Sociétés**, Québec, v. 21, n. 2-3, p. 45-66, 1997B. Disponível em: <https://www.erudit.org/fr/revues/as/1997-v21-n2-3-as803/015484ar.pdf> . Acesso em: 19 abr. 2021.

CRÉPEAU, Robert R. Uma ecologia do conhecimento é possível? **Ilha**, Florianópolis, v. 7, n. 1 e 2, p. 5-28, 2005. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ilha/article/view/1557/1352> . Acesso em: 10 jan. 2022.

CRÉPEAU, Robert R. Le rite comme contexte de la mémoire des origines. **Archives de sciences sociales des religions**, Paris, n. 141, p. 57-73, jan.-mar. 2008. Disponível em: <http://assr.revues.org/index12552.html> . Acesso em: 18 mai. 2018.

DIAS, Adriana Schmidt; BAPTISTA DA SILVA, Sergio. Arqueologia Guarani no Lago Guaíba: Refletindo Sobre a Territorialidade e a Mobilidade Pretérita e Presente. In: MILHEIRA, Rafael Guedes; WAGNER, Gustavo Peretti (Orgs.). **Arqueologia Guarani no Litoral Sul do Brasil**. Curitiba-PR: Appris, 2014, p. 81-114.

DOOLEY, Robert A. **Léxico Guaraní, Dialeto Mbyá**: versão para fins acadêmicos. Porto Velho: Sociedade Internacional de Linguística, 1998.

EMGC. Equipe Mapa Guarani Continental. Quem Somos? In: **Caderno Mapa Guarani Continental**: povos Guarani na Argentina, Bolívia, Brasil e Paraguai. Campo Grande-MS: CIMI, 2016.

FAULHABER, Priscila; BORGES, Luiz C. **Perspectivas Etnográficas e Históricas Sobre As Astronomias**. Rio de Janeiro: Museu de Astronomia e Ciências Afins, 2016.

GARCIA, Caroline da Silva et al. “As Coisas do Céu”: Etnoastronomia de uma Comunidade Indígena Como Subsídio Para A Proposta de Um Material Paradidático. **Revista Latino-Americana de Educação em Astronomia - RELEA**, n. 21, 2016, p. 7-30. Disponível em: <file:///C:/Users/Rog%C3%A9rio/Downloads/231-Texto%20do%20Artigo-817-1-10-20160826.pdf> . Acesso em 16 jul. 2020.

GOODY, Jack. **O Mito, O Ritual e o Oral**. Petrópolis: Editora Vozes, 2012.

JEKUPÉ, Olívio. **O Saci Verdadeiro**. Londrina, Eduel, 2002.

JEKUPÉ, Olívio. **O Presente de Jaxy Jaterê**. São Paulo: Rakun, 2015.

KOCH-GRÜNBERG, Theodor. Mitos e Lendas dos Índios Taulipáng e Arekuná. **Revista do Museu Paulista**, São Paulo, v. VII, p. 9-202, 1953. Disponível em: <http://www.etnolinguistica.org/biblio:koch-grunberg-1953-mitos> . Acesso em: 8 set. 2020.

LEHMANN-NITSCHKE, Roberto. La Constelación de la Osa Mayor. Mitología Sudamericana. **Revista del Museo La Plata**, La Plata, p. 103-145, 1924. Disponível em: <https://publicaciones.fcnym.unlp.edu.ar/rmlp/article/view/1384> . Acesso em: 12 mai. 2020.

LÉVI-STRAUSS, Claude. A Gesta de Asdiwal. In: LÉVI-STRAUSS, Claude. **Antropologia Estrutural Dois**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1993. p. 152-205.

LÉVI-STRAUSS, Claude. A Estrutura dos Mitos. In: LÉVI-STRAUSS, Claude. **Antropologia Estrutural**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996, p. 237-267.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **O Cru e O Cozido**. São Paulo: Cosac Naify, 2004A.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Do Mel Às Cinzas**. São Paulo: Cosac Naify, 2004B.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **A Origem dos Modos À Mesa**. São Paulo: Cosac Naify, 2006.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **O Homem Nu**. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

LIMA, Flávia Pedroza; MOREIRA, Ildeu de Castro. Tradições astronômicas tupinambás na visão de Claude D'Abbeville. **REVISTA DA SBHC**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, p. 4-19, jan./jun. 2005. Disponível em: [http://www.sbhc.org.br/resources/download/1320065767\\_ARQUIVO\\_artigos\\_1.pdf](http://www.sbhc.org.br/resources/download/1320065767_ARQUIVO_artigos_1.pdf) . Acesso em: 13 abr. 2020.

LIMA, Flávia Pedroza; FIGUEIRÔA, Silvia Fernanda de Mendonça. Etnoastronomia no Brasil: a contribuição de Charles Frederick Hartt e José Vieira Couto de Magalhães. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**. Belém, v. 5, n. 2, p. 295-313, mai./ago. 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/bgoeldi/a/GhxBKGRtpXH3HJNS3SYZpmm/abstract/?lang=pt> . Acesso em: 18 jun. 2020.

LIMA, Flávia Pedroza et al. Astronomia Indígena. Relações céu-terra entre os indígenas no Brasil: distintos céus, diferentes olhares. In: MATSUURA, Oscar T. (Org.). **História da Astronomia no Brasil** (2013). Recife: Companhia Editora de Pernambuco (CEPE), 2014, p. 86-129.

LITAIFF, Aldo. Mitologia guarani: encontros interculturais ou epistemologias em colisão? In: SILVEIRA, Nádia Heusi; MELO Clarissa Rocha de; JESUS, Suzana

Cavalleiro de. **Diálogos com os Guarani**: articulando compreensões antropológicas e indígenas. Florianópolis: Editora da UFSC, 2016, p. 227-250.

LITAIFF, Aldo. **Mitologia guarani**: a criação e a destruição da terra. Florianópolis: Editora da UFSC, 2018.

LOBATO, Monteiro. **O Saci-Pererê**: Resultado de um Inquérito. São Paulo: Editora Globo, 2008.

LOPES NETO, Simões. **Contos Gauchescos & Lendas do Sul**. Porto Alegre: L&PM Pocket, 2008.

MOREIRA KARAI OKENDA, Geraldo; MOREIRA KARAI YVYJU MIRI, Wanderley Cardoso. Calendário Cosmológico: os símbolos e as principais constelações na visão guarani. In: ZEA, Evelyn Schuler; DARELLA, Maria Dorothea Post; MACHADO, Juliana Salles (Org.). **Guarani**. Florianópolis: Edições do Bosque/UFSC/CFH/NUPPE, 2020, p. 36-102.

MOTTA, Graziela da Silva. A migração de trabalhadores indígenas empregados pela economia do agronegócio. XIII **Reunião de Antropologia do Mercosul**, 22 a 25 de Julho de 2019, Porto Alegre, Anais. Porto Alegre: UFRGS, 2019.

MOTTA, Graziela da Silva. Migração e Contratação de Trabalhadores Indígenas Empregados pela Economia do Agronegócio. **Illuminuras**, Porto Alegre, v. 21, n. 52, p. 96-118, abr. 2020. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/illuminuras/article/view/98659> . Acesso em: 24 fev. 2021.

OLIVEIRA, Diogo de. Arandu Nhembo'ea: cosmologia, agricultura e xamanismo entre os Guarani-Chiripá no litoral de Santa Catarina. 2009. 182f. **Dissertação** (Mestrado em Antropologia Social) – PPGAS, UFSC, Florianópolis, SC, 2009.

OLIVEIRA, Daciene de Paula. Outras Culturas Outras Naturezas: Educação Ambiental, Vivências e Resistências Mbya Guarani, no Tekoa Y'yrembé em Rio Grande/RS. 2021. 182f. **Dissertação** (Mestrado em Educação Ambiental) – PPGEA, FURG, Rio Grande, RS, 2021.

PRADELLA, Luiz Gustavo Souza. Entre Os Seus e os Outros. Horizonte, Mobilidade e Cosmopolítica Guarani. 2009. 166f. **Dissertação** (Mestrado em Antropologia Social) – PPGAS, UFRGS, Porto Alegre, RS, 2009.

PRATES, Maria Paula. Dualidade, pessoa e transformação: relações sociocosmológicas mbyá-guarani no contexto de três aldeias no RS/Brasil. 2009. 102f. **Dissertação** (Mestrado em Antropologia Social) – PPGAS, UFRGS, Porto Alegre, RS, 2009.

QUEVEDO, Júlio. **A Guerra Guaranítica**. São Paulo: Editora Ática, 1996.

RODRIGUES, José Carlos. Lévi-Strauss (1908-2009). In: ROCHA, Everaldo; FRID, Marina. **Os Antropólogos**. De Edward Tylor a Pierre Clastres. Petrópolis-RJ; Vozes; Rio de Janeiro: Editora PUC, 2015, p. 167-180.

ROSA, Rogério Reus Gonçalves da. Mitologia e Xamanismo nas Relações Sociais dos Inuit e dos Kaingang. **Espaço Ameríndio**, Porto Alegre, v. 5, n. 3, p. 98-122, jul./dez. 2011. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/EspacoAmerindio/article/view/23598> . Acesso em: 13 jan. 2020.

ROSA, Rogério Reus Gonçalves da. A Relação Afro-Ameríndia do Negrinho do Pastoreio e do Saci-Pererê na Mitologia. **Antares: Letras e Humanidades**, v. 5, n. 10, p. 175-203, jul./dez. 2013. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/etc/revistas/index.php/antares/article/view/2362> . Acesso em: 13 jan. 2020.

ROSA, Rogério Reus Gonçalves da. O Kujà Jorge Kagnãg Garcia: O xamanismo, a sua vida e o estado de espírito kaingang. **Espaço Ameríndio**, n. 11 (2), p. 365-400, jul./dez. 2017. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/EspacoAmerindio/article/view/78307/47287> . Acesso em: 13 jan. 2020.

SAVIANI, Dermeval. O Lunar de Sepé e a Derradeira Migração: A Educação Jesuítica Entre as Coroas de Espanha e Portugal. **VII Congresso Luso Brasileiro de História da Educação**, 20 a 23 de junho de 2008. ASPHE/FaE/UFPel, Pelotas, v. 13, n. 27, p. 115-138, jan/abr 2009. Disponível em: <http://fae.ufpel.edu.br/asphe> . Acesso em: 1 dez. 2021.

SCHADEN, Egon. **Aspectos Fundamentais da Cultura Guarani**. São Paulo: E.P.U/EDUSP, 1974.

SCHADEN, Francisco S. G. Índios e Caboclos. **Revista do Arquivo Municipal**, a. XV, v. CXXV, p. 23-64, jun. 1949. Disponível em: [http://etnolinguistica.wdfiles.com/local--files/biblio%3Aschaden-1949-indios/Schaden\\_1949\\_Indios\\_e\\_caboclos.pdf](http://etnolinguistica.wdfiles.com/local--files/biblio%3Aschaden-1949-indios/Schaden_1949_Indios_e_caboclos.pdf) . Acesso em: 23 mar. 2020.

SCHNEIDER, Fernanda; WOLF, Sidnei; KREUTZ, Marcos Rogério; GALARCE MACHADO, Neli Teresinha. Tempo e Espaço Guarani: um estudo acerca da ocupação, cronologia e dinâmica de movimentação pré-colonial na Bacia do Rio Taquari/Antas, Rio Grande do Sul, Brasil. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**, v. 12, n. 1, p. 31-56, jan.-abr. 2017. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1981.81222017000100003> . Acesso em: 16 dez. 2021.

SEÁRA, Eliton Clayton Rufino; JESUS, Suzana Cavalheiro de. Práticas corporais no cotidiano de crianças guarani: ensino e aprendizagem a partir de brincadeiras. In: SILVEIRA, Nádia Heusi, MELO Clarissa Rocha de; JESUS, Suzana Cavalheiro de. **Diálogos com os Guarani: articulando compreensões antropológicas e indígenas**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2016, p. 211-226.

SOARES, Mariana de Andrade. Caminhos Para Viver o Mbya Reko: Estudo Antropológico do Contato Interétnico e de Políticas Públicas de Etnodesenvolvimento A Partir de Pesquisa Etnográfica Junto a Coletivos Guarani no Rio Grande do Sul. 2012. 320f. **Tese (Doutorado em Antropologia Social)** – PPGAS, UFRGS, Porto Alegre, RS, 2012.

SOUZA, Samuel de. Relações de vida para nós Guarani: três histórias dos mais velhos em palavras e desenhos. In: ZEA, Evelyn Schuler; DARELLA, Maria Dorothea Post;

ROSA, Rogério Reus Gonçalves da. Jaxy e Jaxy Jaterê: o ponto de vista Guarani e de outros povos ameríndios sobre a origem da lua, as constelações e o saci-pererê (primeira parte). **Espaço Ameríndio**, Porto Alegre, v. 16, n. 1, p. 1-46, jan./abr. 2022.

MACHADO, Juliana Salles (Org.). **Guarani**. Florianópolis: Edições do Bosque/UFSC/CFH/NUPPE, 2020, p. 205-243.

TEMPASS, Martín César. Quanto mais doce, melhor: um estudo antropológico das práticas alimentares da sociedade Mbyá-Guarani. 2010. 395f. **Tese** (Doutorado em Antropologia Social) – PPGAS, UFRGS, Porto Alegre, RS, 2010.

TEMPASS, Martín César. **A Doce Cosmologia Mbyá-Guarani**. Curitiba: Appris, 2012.

WATTS-POWLESS, Vanessa. Lugar-Pensamento Indígena e Agência de Humanos e Não Humanos (a primeira mulher e a mulher céu embarcam numa turnê pelo mundo europeu!). **Espaço Ameríndio**, Porto Alegre, v. 11, n. 1, p. 250-272, jan./jun. 2017. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/EspacoAmerindio/article/view/72435> . Acesso em: 23 jun. 2020.

*Software*: Stellarium Astronomy Software

---

Recebido em: 17/03/2022 \* Aprovado em: 09/04/2022 \* Publicado em: 30/04/2022

---